ENCICLOPÉDIA
DO
INTEGRALISMO

VIII

DIVERSOS

•

ESTUDOS
E
DEPOIMENTOS

ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO

VIII

ESTUDOS E DEPOIMENTOS

GENÉSIO PEREIRA FILHO
HUMBERTO PERGHER
ABELARDO CARDOSO
JOSÉ SOARES DE ARRUDA
IVAN LUZ
HÉLIO ROCHA
GUMERCINDO ROCHA DÓREA

EDIÇÕES G.R.D.

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA
Rua 1.º de Março, 147 - 2.º andar
RIO DE JANEIRO

Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
http://www.integralismo.org.br/
Deus - Pátria - Família

NOTA INICIAL

DEPOIS da abertura desta série com o volume de Plínio Salgado sob o título de "O Integralismo na Vida Brasileira", lançamos o segundo, que trouxe os depoimentos da geração anterior a 1932, dando precedência aos autores já falecidos e deixando para o terceiro os vivos da mesma geração.

Naquele II Volume, ouvimos as vozes de Belisário Pena, Lúcio dos Santos, Alcebiades Delamare, Rodolfo Josetti, Victor Pujol e Madeira de Freitas. No III Volume, enfeixamos as palavras de Tasso da Silveira, Augusto de Lima Lúnior, Felix Contreiras Rodrigues, Rocha Vaz, João Carlos Fairbanks e Jaime Regalo Pereira.

O IV e o V volumes assinalam o alvorecer da Grande Geração de 1932, que formou a sua mentalidade sob a inspiração dos princípios integralistas e conviveu, dia a dia, com Plínio Salgado, na fase épica do Grande Movimento Nacional. Êles sentiram, na intimidade do Chefe, o Algo Novo que surgia com a fôrça de uma Idéia e a mística de um Alto Sentimento. Ali estão, nesses dois volumes, cuja primeira expressão de receptividade e vitalidade é o "Manifesto de Recife", assinado por Otto Guerra, Andrade Lima Filho, Américo de Oliveira

Costa, João Roma, Álvaro Lins e José Carlos Dias, os escritores dessa Geração que tão altos valores deu ao Brasil. São páginas de Cotrim Neto, San Tiago Dantas, Venceslau Júnior, Helder Câmara, Ernani Silva Bruno, Arnóbio Graça, Martins Moreira, Antônio Galotti, Pedro Lafayette, Loureiro Júnior, Miguel Reale, Margarida Corbisier, Hélio Viana, Luís Compagnoni, Garrido Tôrres, Leopoldo Ayres, Ernani Lomba Ferraz, Ângelo Simões de Arruda, Romulo de Almeida e Lauro Escorel.

Interrompidos os Estudos e Depoimentos pelos VI e VII volumes, primeiro trazendo tudo quanto se referiu ao Integralismo e a Justiça Brasileira e o segundo fazendo desfilar os Poetas do Movimento do Sigma, reatamos com êste VIII volume a série das manifestações da inteligência e da cultura nacionais a respeito da doutrina que surgiu, como fato único, na História do Brasil.

Fala, nestas páginas, a Geração de 1938 a 1950. A Idéia não morreu. Atravessou o período de oito anos de perseguição, de abafamento e tentativa de soterramento (1938 a 1945) e ganhou ainda maior vitalidade. As Gerações desfilam levando a mesma gloriosa Bandeira. Os que neste volume comparecem, dando o seu depoimento, são os continuadores da Geração de 1932. Seus nomes: Genésio Pereira Filho, Humberto Pergher, Abelardo Cardoso, José Soares de Arruda, Ivan Luz, Hélio Rocha, Gumercindo Rocha Dórea.

Ouçamo-los. E preparemo-nos para ouvir a Geração de 1950 até o presente.

Êsse desfile de Gerações debatendo o mesmo tema e realisando uma obra de cultura, ordenada quanto à sua essência e substância, ainda que variada nas posições e perspectivas, é acontecimento singular e único na História de um Povo e sòmente êle basta para se avaliar a fôrça e a grandeza do Integralismo Brasileiro.

OS EDITORES

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1959.

GENÉSIO PEREIRA FILHO

SER OU NÃO SER INTEGRALISTA

SER integralista não é fácil. O integralista aceita uma série de compromissos que não se rompem com desembaraço. E, antes de mais nada, ser integralista significa tomar atitude, conhecendo a verdade da vida e crendo nela.

Que é tomar atitude? É tomar posição diante das crenças exatas em um momento histórico e através da dialética, pelos movimentos incessantes do dever, procurar chegar ao conhecimento da verdade final. Que é esta verdade final, senão a autenticidade da própria vida e a presença do homem, puro de alma, diante do Belo e do Bem?

Domina todo raciocínio a idéia de verdade. E esta idéia de verdade como pode ser atingida? Através do pensamento. Logo, tomar atitude é pensar. Diante do mundo cheio de mistérios, de terrores, de incerteza, de ameaças, diante das almas angustiadas e dos corações desesperados, ante destinos rotos e esperanças desfeitas, que faz o homem? Pensa. Procura penetrar as profundezas sem fim da destinação humana, na tentativa de projetar-se além dos mistérios e do incognoscível. Aí está o binômio capaz de criar o homem integral, aquêle que dignifica a existência: razão e crença. Não podendo vislumbrar a verdade última pela fragilidade das

ciências, que se esboroam ante o mistério insondável do infinito, o homem sente necessidade de crer. E crendo, plasma uma realidade para tudo, para as cousas que o cercam e para os universos que adivinha, afirma-se na realidade do próprio mundo e caminha fortalecido pela pujança de sua presença animada de ideais.

Não é possível, portanto, crer sem colocar na crença tôda a fôrça da alma e tôda identificação. O ideal que domina o homem tem que ser aceito integralmente, sem reservas, completamente, perfeita e absolutamente. A raiz da verdade é profunda e não admite superfícies, vai ao âmago dos corações, enreda-se pelos escaninhos, domina, subjuga, consome, infiltra-se, penetra, impera, prevalece, prepondera. Não aceita limites. O ideal é ou deixa de ser tomado em meio têrmo. Quem crê fá-lo radicalmente, ou não crê. Quem busca verdades parciais numa crença não conhece o pensamento exato, puro e último.

Quem crê revela uma essência: A essência designa e caracteriza o SER, aquilo que é, porque independe das relatividades existenciais. O SER não precisa estar em outro objeto para ser. É em si mesmo, sempre e necessàriamente sujeito.

Não sendo nem atributo, nem acidente, nem substância, a essência marca o SER em sua permanência, enquanto tudo à sua volta possa mudar.

Numa essência irrealizada em uma época, inaceitada, não perde nunca sua fôrça de permanência, porque é eternamente viável. Por isso, costumo dizer que dois verbos diferenciam o integralista dos demais políticos. Fiel a uma doutrina, que é essencial porque derivada de uma atitude tomada e pensada, não têm caracteres transitórios os gestos do integralista.

Ser e **estar** são os verbos. O integralista é. Afirma-se perenemente através de um movimento de idéias que a relatividade das existências jamais destruirá. SOMOS um movimento e não ESTAMOS num movimento. Afirmamos para a eternidade. O eterno supera o tempo, opõe-se mesmo ao tempo, cuja idéia constitui-lhe antinomia. O que é transitório tem comêço e tem fim, vive no tempo e no espaço, submete-se ao devir, às contingências, à existência. Assim sendo, os que não são integralistas ESTÃO hoje na "União Democrática Nacional", como estiveram ontem no "Partido Social Democrático" e ESTARÃO amanhã no "Partido Trabalhista Nacional". O integralista, ao invés, afirma: EGO SUM! Sou porque afirmo. Afirmo porque creio. Creio porque penso.

Se me perguntarem se sou de São Paulo, responderei que não. Estou em São Paulo, como estive há tempos em Ribeirão Preto e outrora em Jaboticabal, em Mococa, em Silveiras. Mas sou de São

Bento do Sapucaí, minha terra natal, cujas montanhas enchem-me a alma de ideais e de fé; os pinheirais da Mantiqueira são símbolo de minha nobreza e a vibração telúrica de meu sêr tem raizes nas escarpas e nas grotas, nas encostas íngremes e nos abismos insondáveis... ESTOU transitòriamente no asfalto, existo em superfície, em paisagens de simplórios gramados, mas SOU das montanhas de selvas indômitas, habitadas por mistérios e recordadas pelas lendas.

O integralista É marcado pela continuidade permanente do ser, que se revela na vida de ação permanente.

O homem que crê, aceita e elege. Aceitando e elegendo princípios, integra-se. Integrando-se, torna-se responsável. Já disse Julian Marias que a responsabilidade não é consecutiva ao ato humano, mas constitutiva dêle mesmo. Sendo constitutiva, está em sua própria natureza. Não pode o homem, pois, titubear em sua vida, mas deve marcá-la pela decisão, sem o que não estará dando "presença" de si mesmo no mundo. De cadáveres que fantasmagoriam cenários e criam universos tenebrosos. De cansados está saturada a terra. De reotropismo negativo está dominada a humanidade.

A existência tem que ser marcada pela atividade constante, pelo trabalho dos audazes e dos decididos, daqueles que ferem o mundo com atitudes

firmes e o agridem com sonhos insólitos. Dêsses é o futuro, porque êles é que fazem a Beleza da Vida e são êles que redímem o gênero humano. Nada de liberalismos tolerantes, nada de totalitarismos negadores da dignidade humana. Precisamos de afirmações corajosas dos ideais abraçados. Sonhar pela Arte e realizar pela Ação, eis a vida bem vivida e bem sentida. Vida que, sendo um eterno presente, não pode abandonar a tradição nem deixar de mirar o futuro. Nação que esquece o passado, perde a própria memória. Nação que não vive o presente, avilta-se na covardia. Nação que não olha o futuro, envenena-se pelos atos limitados do egoismo.

O homem integral, o homem eterno, êste se apoia na memória dos povos, em sua história, realiza o presente com denodo e constroi para o futuro. Assim agindo, afirma sua essência, lutando contra o tempo que nada perdôa. Disse o filósofo que tudo é destruido pelo tempo, a mulher, a flor, as construções, os impérios, as palavras — ai dêles! — o tempo fá-los inexoràvelmente perecer. Nem mesmo os sonhos são perdoados. Nem as obras de Arte. Há, contudo, algo que resiste: o Ideal. Com as obras de arte perece o belo. Com o ideal resiste o sublime, que supera o tempo.

Afirmemos, portanto, integralistas, com bastante coragem, nosso Ideal. Afirmemos, porque êle resiste ao Tempo e existirá sempre. Irrealisado

hoje, se incapaz nossa geração de aceitá-lo, será possível no amanhã.

"Ego sum". Somos um movimento para a eternidade. E quem afirma para a eternidade, caminha para o Bem Supremo, alvo último de nosso destino: DEUS.

HUMBERTO PERGHER

COMO ESTUDAR PLÍNIO SALGADO

O ARTISTA ao medelar o barro para dêle extrair uma estátua, não só deixa em sua superfície estampados seus traços digitais, muito mais que isso concretiza na obra a sua idéia e personifica nela seu próprio ser de tal maneira, que esta passa a ser auto retrato mais ou menos fiel conforme a perfeição da obra. Através dela entra-se em contacto com a riqueza interior, a vibratividade e euritimia do artista e do homem, para com êle sentir as mesmas emoções.

Pode-se ainda entrar em contacto, em comunhão íntima de paixões e idéias pela simples visão do artista, ouvindo-o falar especialmente quando à riqueza de vibração aliar uma expontâneidade de expressão oral e mímica; quando à cadência e ao fluir ligeiro do verbo aliar a agudeza de olhar que magnetiza; quando à grandiosidade e profundidade de idéias, quando a soronidade da voz e intensidade de emoções, à magestosa estruturação do período aliar, paradoxalmente, uma incompreensível pequenez física talhada duramente pela adversidade e pela luta.

Pois esta visão íntima do homem em sua diáfana transparência esta simbólica vivência de idéias e emoções, esta aterradora pequenez do homem

frente ao espírito já a experimentaram todos quantos ouviram uma conferência de Plínio Salgado. Despe-se imediatamente o espírito do ouvinte de quantos atávios por ventura se ache emaranhado e em sua original candura entra em união intelectual com o conferencista, para sorver gôta a gôta, o nectar que êste destila, modicamente, de início; em ritmo crescente, logo após; e, for fim, em torrentes incontidas ocupando o intelecto e a sensibilidade do ouvinte de maneira tão completa que o tempo perde o seu valor. Aqui, mais que em qualquer parte, manifesta-se a pequenez do homem ante o infinito e sua grandeza no finito.

Entrechoque da grandiosidade das idéias com a violência dos sentimentos despertados nos espíritos, busca escape emotivo nos vibrantes aplausos e nas palmas espontâneas de quantos auditórios travem contacto íntimo com o espírito de Plínio Salgado. Não há necessidade de anterior conhecimento da vida dêste escritor, nem tão pouco de suas idéias, de suas lutas, de seu sofrimento em ver sua Pátria, que deseja grande, pujante e cristã, tão amesquinhada, traída tantas vêzes, e cada vez mais enfraquecida em suas fôrças vitais. É suficiente ver sua pessoa, fisicamente pequena e abatida, transformar-se sùbitamente em um gigante que domina completamente tôda uma multidão pela grande e eloquente cadência de seu verbo, para sentir com o orador um amor imenso por esta terra que é nossa,

uma dor punjente pela desdita que a abate, e a necessidade imperiosa de lutar pela sua recristianisação, único meio de salvá-la e fazê-la feliz.

É suficiente êste contacto auditivo — visual — intelectual — emocional para ter-se o homem todo em tôda sua riqueza, em tôda a sua grandeza intelectual e moral. Então se compreende sua incrível obstinação em lutar, mesmo que seja sòzinho, em sacrificar sua grande vocação para a literatura e "recomeçar mil vêzes se fôr preciso para salvar o Brasil".

*
* *

Entretanto, muito restrito é o número dos que podem, por êste contacto direto assimilar os ensinamentos de Plínio Salgado. A grande maioria dos brasileiros deve fazê-lo pela leitura de suas obras embora em tôdas as suas obras esteja, em sua totalidade, o homem que dedicou sua vida à causa de Cristo e do Brasil, devido à predominância de um dos aspectos de sua doutrina, poderia o leitor ser levado a um conhecimento parcial e, por isto mesmo, falho, do homem e de seu pensamento.

Pela obra se chega ao autor e pelo autor se compreende a obra.

Por onde se vê ser necessário um conhecimento biográfico do autor para melhor compreensão de

sua obra. Urge situá-lo em sua época, no meio em que vive, para conhecer quais as influências do ambiente sôbre êle e as suas reações. É necessário saber qual a sua formação religiosa, qual sua adaptação social, para melhor compreender e interpretar as idéias mestras de sua doutrina.

No caso do autor da "Vida de Jesus", torna-se indispensável saber de seu espírito profundamente cristão, conhecer os laços afetivos que o ligam ao Brasil desde os seus tenros anos, quando num ambiente familiar essencialmente cristão aprendeu a amar a Deus e à sua Pátria. Conhecida sua biografia e tendo presente êstes fatores fundamentais, pode-se iniciar o estudo de seu pensamento sociológico e filosófico pela leitura de suas primeiras obras, os romances — "O Estrangeiro", "O Esperado", "O Cavaleiro de Itararé", e a "Voz do Oeste", nos quais procede a um largo estudo social do homem do interior paulistano, em páginas de rara sensibilidade artística e profundo senso objetivo, cônscio do papel do literato no aprimoramento da sociedade.

Nestes seus romances estão lançados os princípios de tôda sua doutrina sociológica, política e filosófica. As inúmeras obras que se seguiram são desenvolvimento dos princípios anteriormente esboçados. O leitor das obras de Plínio Salgado terá sempre presente o espírito profundamente cristão do autor voltado para a realidade brasileira, espe-

rançoso de ver o Brasil cumprir sua missão histórica da qual se fêz para sempre o mesmo incansável batalhador, durante sua vida e após ela na duração dos seus escritos. Porém, de tôdas as obras de Plínio Salgado é na "Vida de Jesus" que mais alto se ergueu seu gênio. Neste livro une-se a piedade cristã a alma do artista, o espírito do pensador e a visão do homem público para burilar incontestàvelmente a maior pérola da literatura brasileira. Na "Vida de Jesus", os moços brasileiros têm a obra prima do artista, do sociólogo, do cristão, onde a identificação do autor se faz em cada linha e onde seu pensamento se concretizou para a eternidade.

*
* *

É êste Plínio Salgado fervorosamente cristão e perdidamente brasileiro que deve ser compreendido em primeiro lugar e está sempre presente ao estudioso de suas obras e de seus escritores. Só assim haverá a perfeita compreensão em sua honestidade intelectual, em sua sensibilidade profundamente humana, em seu ardor apostólico, na crueza apocaliptica de sua análise social do nosso tempo e na certeza absoluta dos superiores destinos do Brasil.

(in A MARCHA, 12/2/1954)

ABELARDO CARDOSO

ATO DE FÉ INTEGRALISTA

A ELOQÜÊNCIA DE UM DOCUMENTO

A carta que se vai ler nas páginas seguintes constitui eloqüente documento a demonstrar:

1.º) — Como o Integralismo foi deturpado e apresentado a uma geração inteira exatamente pelo avêsso da sua realidade doutrinária e histórica (período de 1937 *a* 1945);

2.º) — Como o Integralismo atende à fé e ao sentimento cristão da Nacionalidade Brasileira, como doutrina espiritualista que põe no Homem, na sua racionalidade, na sua liberdade e na sua integridade, a base de tôda a construção social e nacional;

3.º) — Como a leitura dos livros de Plínio Salgado e o estudo da sua obra trazem os mais completos esclarecimentos sôbre a "Ação Integralista Brasileira";

4.º) — Como o Integralismo é atual, oportuno nas condições do mundo moderno, trazendo um pensamento novo e solucionador das angústias contemporâneas;

5.º) — Como o Integralismo exerce poderosa fascinação nos espíritos jovens, o que garante a sua permanência histórica através das gerações futuras.

O missivista — como tantos outros da sua idade — tinha notícias do Integralismo através dos jornais da Ditadura que dominou o Brasil durante oito anos. Faziam côro com a Ditadura os elementos comunistas e demo-liberais que pontificavam na imprensa. Os pró-

prios livros didáticos ("Histórias do Brasil" para cursos primário e secundário, "Dicionários Enciclopédicos", nacionais e estrangeiros, e livros subvencionados escritos por autênticos "picaretas") faziam côro apresentando uma doutrina rigorosamente anti-totalitária como cópia dos mais absorventes e opressivos totalitarismos.

Não havia defesa possível no Brasil, porque a imprensa era censurada pelos órgãos ditatoriais e a liberdade de palavra fôra extinta em tôdas as tribunas. A partir de 1939, isto é, do comêço da Segunda Guerra Mundial, e principalmente depois da reviravolta russa, quando o comunismo passou a comandar a guerra, ao lado dos Estados Unidos, abriram-se tôdas as baterias brasileiras e estrangeiras contra o Integralismo, que passou a ser, além de deturpado em sua doutrina, também caluniado, sem que se lhe permitisse uma palavra de defesa contra tão desleais e torpes inimigos.

Em 1946, terminada a guerra e caindo a Ditadura no Brasil, iniciou Plínio Salgado a obra de reconstituição da verdade histórica e doutrinária. Durante dois anos, percorreu o País, falando ao Povo, enfrentando os comunistas em conflitos tremendos, pois os adeptos de Moscou haviam jurado que não o deixariam falar em público, tal era o temor dos seus argumentos, da sua documentação e da sua lógica. A batalha foi ganha pelos integralistas, através da ação parlamentar de seus representantes, dos discursos de seus oradores em praça pública, da ação persistente de seu Chefe. A verdade foi restaurada. Os livros de Plínio Salgado começaram a circular; re-edi-

ções dos antigos, lançamento de novas obras, tudo demonstrando a coerência, a imutabilidade de uma idéia, a beleza de um nobre ideal.

A Juventude despertou e viu algo novo. Algo novo que lhe tinham ocultado. O Integralismo, afinal, era a doutrina da Mocidade da Pátria, que via nêle a Palavra Nova dos Tempos Novos. Casos semelhantes ao que vem narrado na carta das páginas seguintes são numerosos. A mentira foi vencida. A verdade triunfou.

Washington, em 30 de agôsto de 1957.

Prezado Senhor Dórea,

Embora a "A Marcha" não me haja enviado seu enderêço particular, escrevo-lhe aos cuidados daquele Jornal porque não posso mais refrear o meu desejo e necessidade mesmo de corresponder-me com alguém de responsabilidade no integralismo e de colaborar nessa obra de renovação que Plínio Salgado, com a Graça de Deus e para felicidade nossa, lançou pelos quatro cantos de nosso querido Brasil.

Antes de mais nada, creio serem necessárias algumas palavras esclarecedoras sôbre minha pessoa e minhas convicções integralistas, a título de apresentação. Devo dizer, inicialmente, que minha conversão ao integralismo é muito recente, datando minhas convicções, na realidade, de princípios dêste ano. Até agôsto de 1955 era eu anti-integralista, não a ponto de viver combatendo essa doutrina, mas no sentido de que, sempre que alguém se dizia integralista, era para mim, como se diz na gíria, "o último furo". Essa doutrina considerava-a racista e o mesmo que fascismo e nazismo. Cumpre esclarecer que sendo meu pai também diplomata estive no exterior nos anos de 1935 e 1937 e de 1942 a 1946 de modo que nunca tivera contato com o integralismo e tudo o que conhecia era através da propaganda e censura getulistas.

Em julho de 1955 fui ao Brasil em férias (pertenço ao Corpo Permanente do Ministério das Relações Exteriores) e em agôsto daquele ano estive em Lambari em tratamento. Conheci nessa ocasião o Dr. José dos Santos, médico e Chefe integralista local. Conversei e discuti com êle, solicitei-lhe, e obtive, literatura sôbre o integralismo e impressionei-me com o que li; conversei com várias pessoas naquela cidade, tôdas não integralistas, e colhi impressões insuspeitas e, para mim, surpreendentes, sôbre Plínio Salgado e sua doutrina.

De volta ao Rio, a caminho dos Estados Unidos, tomei assinatura das "Obras Completas de Plínio Salgado" e li todos os seus escritos doutrinários e de outros, de Miguel Reale e Jaime Ferreira, de que obtive cópias na Biblioteca do Congresso, aqui em Washington. De volta a êste país tive aqui oportunidade de conhecer poucos integralistas: apenas o Dr. Manuel Ferreira, ainda em 1955, então Diretor do Serviço Nacional da Malária, e a Família, ou melhor, as filhas e cunhada do Dr. Figueira de Mello, falecido em dezembro de 1956 de um enfarto cardíaco.

Já ao voltar ao Brasil, em agôsto de 1955, escrevia a pessoas da família solicitando-as a votar em Plínio Salgado; já em fins de 1956 considerava-me próximo a abraçar o integralismo como o desejava fazer: pela razão e não pela emoção e pelo sentimentalismo (por êstes dois últimos aspectos

já estava tocado no fundo de minha alma). O passo que iria tomar seria de grande importância, iria abraçar exatamente aquela que me guiasse pela Vontade, após estudos cuidadosos da doutrina integralista. Em princípios dêste ano assinei "A Marcha" e ainda hoje a leio com sofreguidão, pois é meu único ponto de união — ou tem sido até agora — com meus companheiros de Ideal.

Sim Hoje sou INTEGRALISTA. Meu primeiro Ato de Fé Integralista foi endereçado ao Dr. Santos, a quem devo a "descoberta" de Plínio Salgado e a verdade sôbre sua Obra.

Desejo, pois, corresponder-me com o Senhor e com outros próceres Integralistas. Tenho muita coisa a conversar e idéias a discutir, mas deixarei a maior parte para quando fôr ao Brasil em férias em fevereiro de 1958, se Deus quiser.

Desde já, porém, desejaria fazer uso da situação excepcional em que me encontro, por estar nos Estados Unidos da América, para enviar ao Brasil coisas de utilidade ao Partido. Refiro-me principalmente, a mapas, livros e publicações para as Conderações dos Centros Culturais da Juventude, indubitàvelmente uma das iniciativas mais fecundas do Integralismo. Tenho em mente, em particular, mapas de natureza política, como os da "National Geographic Society" e outros da "American Geographic Society", que serviriam para aulas e estudos e discussões nesses centros, e ainda livros e pu-

blicações do Govêrno norte-americano e de Editoras privadas sôbre o comunismo e outros assuntos de interêsse. Tudo isto eu remeteria por minha conta própria: seria parte de minha contribuição ao Partido. Confesso que sou refratário a êsse têrmo, pela conotação que tem com o que significam os demais Partidos políticos brasileiros; preferiria usar "Ação Integralista Brasileira". Aliás, e como o Senhor vê, aquêles que se convertem a um ideal que os empolga e lhes serve de contínuo estímulo são geralmente extremistas m suas novas convicções e tornam-se muitas vêzes "insuportáveis". Permito-me ilustrar essa tendência com uma anêdota que contam sôbre a conversão ao catolicismo da Sra. Clare Booth Luce, durante algum tempo Embaixador norte-americano em Roma. Conta-se que ela pediu uma entrevista à Sua Santidade o Papa; como tôda entrevista protocolar deveria ter uma duração de apenas 10 a 15 minutos. Mas eis que a Sra. Luce, entrada para o Gabinete do Sumo Pontífice, lá permanece; passam-se os minutos: 10, 20, 30 35. Finalmente o Secretário do Papa resolve que é preciso interromper a audiência. Abre a porta do Gabinete e ouve então o Papa pronunciar esta frase: "Mas, Sra. Luce, pela 15.ª vez, eu também sou católico!"...

Outra contribuição que desejaria fazer: escrever artigos para a "A Marcha". Tenho em mente os seguintes assuntos:

a) Geografia Política: aulas práticas. Sou Bacharel em Geografia por Universidade Norte-Americana, havendo-me formado em junho do ano passado, e a geografia política e geopolítica são minhas paixões;

b) O catolicismo nos Estados Unidos: penso haver muita coisa interessante a êsse respeito que deveria ser de conhecimento dos brasileiros;

c) Assuntos gerais, principalmente os que sejam de minha especialidade ou de meu conhecimento e que não constituam segrêdo profissional (i.e. do Itamaraty), tais como transportes, experiências e consequências do comércio com a Rússia (lembro-me especificamente do caso do algodão egípcio), etc..

A título exemplificativo dos artigos que tenho em mente, envio-lhe um sôbre catolicismo e outro sôbre geografia política, que constituiriam, cada um, o primeiro de uma série; junto outro de natureza geral, êste escrito em 1950 para uma aula de Português do Instituto Rio-Branco e nunca publicado; o seu contexto parece-me oportuno e aplicável à concepção integralista.

Gostaria de ter sua opinião sôbre o assunto e, caso seja possível efetivar êsse desejo. Apreciaria ter informações sôbre a extensão de cada artigo (por página datilografada, em espaço duplo ou número de palavras).

Ainda em caso afirmativo desejo esclarecer o seguinte: nós do Itamaraty não podemos escrever em jornais, a não ser sob pseudônimo. Por isso, e por outro motivo que vai explicado abaixo teria eu de adotar um pseudônimo, já havendo pensado em dois: "I - Juca Pirama" e "Anauê"; minha mulher sugere: "Anhanguera". Deixo-os à sua escolha e aceito sugestões. Novamente, tôda contribuição será gratuita. É recompensa suficiente para mim, o saber que estou trabalhando para o meu ideal e contribuindo para esclarecer e educar o povo brasileiro.

Outrossim, desejo contribuir financeiramente para as campanhas da Ação Integralista Brasileira. Também nesse sentido peço que não seja mencionado meu nome e isto por um motivo sério: é que meus pais, desconhecendo a doutrina integralista, a ela têm um quase horror, sinto ter de dizê-lo. Nunca discuto êsse assunto com meu pai para não desgostá-lo. Se meu nome sair publicado em "A Marcha" poderá êle vir a saber de minhas atividades e desgostar-se. Sei que o Senhor compreenderá esta razão sentimental. Mais tarde, quando estiver de volta ao Brasil onde passarei dois anos, pelo menos, na Secretaria de Estado, nesta época, repito, em que desejo participar intensamente dos trabalhos da A.I.B., procurarei, aos poucos, demonstrar a meus pais o quão errados se encontram. Mas no momento isto não é possível, principalmente

porque meu pai já tem demasiadas preocupações com grave e prolongada moléstia de minha mãe. Êste — a incompreensão atual de meus pais — é o outro motivo pelo qual não desejaria, mesmo que o pudesse (e não o posso), subscrever a meus artigos para a "A Marcha".

Aguardo com ansiedade uma resposta sua a esta carta. E sintétizando o meu pensamento sôbre o ideal Integralista que hoje abraço, repito aqui as palavras que escrevi ao Dr. Santos, o responsável por minha conversão: "O ideal de minha vida, os sonhos de minha juventude, as minhas aspirações de brasileiro e católico, eu as vejo consubstanciadas, sem omissões ou desvirtuamentos, nas obras de Plínio Salgado. Lê-las é sentir despertar em meu ser os ideais há tanto adormecidos, mas nunca sufocados; perlustrar-las é sentir a pujança da Pátria e as fôrças vivas que jazem latentes no Homem, esperando apenas o brado que venha fazê-las eclodir, acordando-as para a luta; é querer participar, ativa e intensamente, com tôdas as fôrças, dessa obra de renovação que Plínio Salgado iniciou e pela qual peleja e que deve ser continuada, sem esmorecimentos, por todos os bons brasileiros que sonham com uma Nação Brasileira forte, sadia e Cristã e nela acreditam".

Sim! É meu desejo ardente trabalhar para o nosso Ideal, principalmente nos setores de organização e educação. E espero poder iniciar desde já as

minhas pequenas contribuições para essa grande obra que é a que visa o Integralismo. Aliás, para lhes dar um exemplo do que lhes posso enviar, remeter-lhe-ei na próxima semana alguns mapas e publicações. Irão pela mala diplomática, aos cuidados de minha Procuradora. Pedirei a ela que lhe telefone, para a "A Marcha".

Finalmente, desejaria ser informado sôbre o seguinte:

1.º) Falta-me um documento básico do Integralismo, qual seja o "Manifesto-Programa de 1936". Seria possível obter uma cópia?

2.º) Gostaria de saber se pretendem publicar em forma de livreto, para distribuição, o "Manifesto à Nação", lido por Plínio Salgado no encerramento do Conclave de Vitória. Em caso afirmativo, desejaria adquirir três cópias e enviar outras a amigos. Rogo avisar-me a êsse respeito, indicando o preço do exemplar. Esclareço que depois de meu aviso à "A Marcha", por carta de 28 de agôsto último, recebi finalmente o número de 2 de julho daquele jornal, o qual veio por via marítima em vez de aérea.

3.º) Seria possível obter-me um distintivo do SIGMA? Rogo indicar-me em quanto ficará tudo isso a fim de poder providenciar-lhe em tempo a remessa de cheque da quantia correspondente.

Agradeço-lhe a atenção que puder dedicar a esta já por demais longa missiva e ponho-me à sua

disposição e à dos demais colegas de Ideal para o que lhes puder ser útil.

Com o meu Anauê e um cordial abraço em Cristo Jesus,

Subscrevo-me,

Abelardo Cardoso

JOSÉ SOARES ARRUDA

O CONCEITO DE CULTURA

É TAREFA sobremaneira árdua, a de querer precisar o conceito dessa palavra, tão em moda. Empregam-na nos mais variados sentidos, sob os mais engenhosos arranjos.

Entretanto, esperamos, após forçadas digressões, chegarmos a um resultado certo, ou pelo menos, a um sentido que seja comum entre as grandes autoridades no assunto.

O primeiro dado do qual lançamos mão para atingir à consecução do nosso "desideratum" é o campo onde domina o conceito. Não podemos aceitar o pensamento de Rousseau e de outros mais, como Tolstoi, que se bateram por um retorno à Natureza, justamente porque a Natureza é a antitese da cultura por não atingir ela os valores, por ser inerte e por surgir a cultura do superamento dos impulsos naturais. Aliás, êstes poucos pensadores são os únicos que poderiam oferecer entrave à prisão do conceito na Filosofia do Espírito e da História.

A respeito do reino da cultura, diz o grande jesuita padre Leonel Franca: — "O homem cultivado é o que desenvolveu as suas capacidades originais; o primitivo ou bárbaro, aquele que as deixou, ou

quase, em estado bruto ou nativo. Entre nós é principalmente à valorização dos bens de ordem espiritual que com suas propriedades se aplica o têrmo". (1).

Tem, pois, cultura, um sentido completo de vida para o individuo, inseparável de sua finalidade e, também, um sentido amplo de vida e finalidade de um povo. O conceito é assim, em sua gênese, de interpretação larga e, em conclusão, é por demais acanhado, querer equipará-lo às ciências sociais e históricas. É bem verdadeiro o pensamento de Max Ernst Mayer ao assegurar que a cultura tem o seu berço na evolução do fator de integração social, do desenvolvimento social, tanto mais apurado, quanto mais concreto o interêsse comum. Mas o valor social não é tudo. Mesmo admitindo como verdadeira a afirmação do mestre da escola de Baden: — "A sociedade é para a cultura o que o criador é para a sua obra". (2) não podem ser descurados outros valores, como a religião, a arte, etc. É sim, a sociedade, o sopro vitalizador, a mola propulsora da cultura, não é, contudo, a sua única fôrça motriz, seu único valor e fim.

Se é falho circunscrever o conceito exclusivamente, no valor social, é, de igual modo, errôneo fazer como que um catálogo dos valores que cons-

(1) — Pe. Leonel Franca, S. J. — "A Crise do Mundo Moderno" — pág. 26.

(2) — Max Ernst Mayer — "Filosofia del Derecho" — pág. 80.

tituem os bens da cultura, posto que, seja prática corrente entre os estudiosos na matéria, apontar um resumo dêsses bens. Mostram alguns, o valor da religião, arte, economia, ciência, moral e direito e, não raro, deixam de incluir a técnica, os costumes, a política, etc. Se o conceito é amplo, em se fazendo uma especificação dos bens, há perigo de não se locupletar todo o conceito, ou pelo inverso, fazer-se um desnecessário "superavit".

É, por sua vez, unilateral, o pensamento de Spengler segundo o qual a civilização seria a fase final, o corolário forçoso da cultura. Afirma êle que a civilização é o "destino iniludível" de tôda a cultura. A civilização seria sempre a estação terminal.

Admitissemos nós a assersão, como se fôra verdadeira, e chegariamos a uma triste conclusão: a cultura seria coisa adrede preparada, manietada, moribunda.

No mesmo exclusivismo de Splenger caem aqueles que, substituem a civilização pela instrução (compreendida no justo sentido de dizer respeito à parte intelectual do homem), ou ainda, pretendem restringí-la à religião e à arte.

Observar tão sòmente êstes prismas — partes de um todo — é pecar pela falta de visão do total, pela limitação de um conceito que tem em si mesmo a essência da amplitude.

E, através da História, temos visto estas facetas ganharem em brilho de maneira a ofuscar a har-

monia e o equilíbrio do todo. A religião já foi a imperante primeira; por seu turno, a arte já foi quase tudo; a ciência, a deusa do século passado; a economia e a técnica hoje dominam, sob o signo do americanismo. É a vez da técnica, como corolário lógico do pragmatismo dos filhos de Tio Sam. Assistimos, pois, a irrequieta fulgacidade do centro da cultura. Se a cultura é a reunião de valores ela tem que ser, primordialmente, harmonia e perfeição de ritmo dos grandes reinos que fazem técnica e economia. Cultura é o cultivo dêsses valores vistos, em perfeito equilíbrio; renovação; encaminhamento para a sublimidade; "passagem de um estado social para um estado social realizador de valores". (Wilhelm Sauer). Cultura tem em si, o germe da revolução, da marcha para a superação da natureza, para uma vida que tem como escopo os altos páramos da perfeição.

Wilhelm Sauer nos fornece escorreita definição: — "Cultura é o conjunto de tôdas as tendências valorativas humanas que se ordenam num todo harmônico, completo, perfeito. Formalmente, é o senso dos valores absolutos; materialmente, o conjunto dos valores realizados, ou melhor ainda, dos valores absolutos que se devem realizar." (3).

Compreendamo-la dêste modo e teremos que, ela é luz perene, facho guiando tôdas as atividades

(3) — Wilhelm Sauer — "Filosofia Juridica y Social" — pág. 117.

do espírito que para ela se orientam. É, em conclusão, a síntese da finalidade humana e tôda a realização humana só tem sentido enquanto se ordena para a idéia de cultura.

Cultura, na sua pureza, encontramos no estudo realizado por Santo Tomaz de Aquino em tôrno do bem comum. Bem comum entendido no sentido da ordenação dos valores para um supremo fim, partindo do homem para a perfeição da comunidade: **"Rursus cum omnis pars ordinetur ad totum, sicut imperfectum ad perfetum: unus antem homo est pars communitatis perfectae: necesse est quod lex proprie ordinem ad felicitatem communem"**. (4).

Bem comum, com a solução do problema dos fins visando a Perfeição Absoluta que não é encontrada na terra — Deus, mas estabelecendo o caminho único para a obtenção do Absoluto, na fórmula da gradação do quase perfeito para o perfeito, na harmonia das partes consideradas — por se encontrarem em equilíbrio — como reflexo da Perfeição Absoluta e seu estado mais próximo.

*
* *

O unilateralismo da interpretação do conceito, o domínio dêste ou daquele prisma isolado sem a

(4) — Santo Tomaz de Aquino — "Summa Theológica", I • II dec. Q. 90, art. 2.

visão e busca do todo harmônico, está fadado ao perecimento. E isso ocorre com tôdas as formulações humanas, quer sejam no âmbito nacional, como internacional. Vê-se o fenômeno, tanto com o Direito, quanto com as elocubrações políticas.

Examinemos a nossa realidade nacional. Inúmeros foram os partidos políticos que tiveram vida, lutaram e cairam no ostracismo. E por que? A resposta é pronta: não havia paixão pelos princípios eternos; falta de harmonia; equilíbrio de valores; impulsos para a renovação. Enfeixando: a cultura estava ausente.

*
* *

A cultura é perene. E o Integralismo, como doutrina é perene, porque é cultura. Tem êle o sentido e a finalidade da vida do indivíduo, como tem o sentido e a finalidade da vida do povo. Parte do princípio certo da intangibilidade da pessoa humana, sublimada por ser a obra máxima do Criador. Considerada no sentido cristão, encaminha-se a pessoa cultivada (Integral) para a harmonia do Estado (Estado harmônico, Integral).

O Integralismo é cultura no sentido puro, porque busca inspiração, alento e fôrça, na Cultura Absoluta que é Cristo, longe do qual, tudo mais é passageiro e enganador.

No Integralismo, a Pessoa e o Povo agem em função da cultura Absoluta.

É cultura, porque na obra da integralização, lança-se a pessoa na permanente revolução, porque não fica alheio o Espírito, parado, mas lutando através da inteligência para atingir o máximo gozo, a paz.

"O Estado Integral, diz Plínio Salgado, é o Estado que se renova. Porque para êle ser integral tem de abranger também o MOVIMENTO, e não apenas as formas. O Estado Integral é revolucionário porque abrangendo o conceito da sociedade total, como substância e forma, tem de abranger o conceito da sociedade total, como MOVIMENTO e RELAÇÃO DE MOVIMENTO. Movimento espontânea da sociedade é EVOLUÇÃO. Movimento pela interferência do Espírito é REVOLUÇÃO" (5) ...e, acrescentamos nós: CULTURA.

(in PÁGINAS DE COMBATE, n.º 7, Rio de Janeiro, 1946).

(5) — Plínio Salgado — "A Psicologia da Revolução".

IVAN LUZ

TELEOLOGIA INTEGRALISTA

O ESTADO de direito dos utopistas de 89 foi à garra, desmascarado pelas tempestades sociais que propiciou pelo seu "deixa fazer". O Direito, desenraizado de suas fontes preter e sobrenaturais é apenas forma: insubstancial. Os que acreditavam em um Estado jurídico-formal, desajustado das realidades institucionais dos povos poderia subsistir ùtilmente, raciocinaram como construtores de maquetes, em cujas miniaturas entra qualquer massa e se dispensam os cálculos de resistência e o jôgo das fôrças garantidoras do equilíbrio daquela. A realidade não aceita artifício. O Estado de 89 era artifício. Estado neutro contemplativo ficou-se a ver sem vigiar, a aplicação prática do "strugle for life" do darwisnismo social do homem lôbo do homem. Agnóstico, materialista — "neutro" mesmo! — o estado liberal viu surgirem do seu seio os monstros negadores da sua estúpida passividade. Segundo a lei do mais forte, arrazada a arena, os campeões ajustaram contas com o empresário do caos: o totalitarismo da esquerda e da direita, com seus respectivos "faixas pretas"... Dinâmicos, exaltados, "homens de ação", feitos segundo o figurino do pragmatismo utilitarista, liquidaram com os belos conceitos liberais e forjaram, a

golpes de audácia fratricida, estados dentro do estado, preparando, nas estruturas totalitários do alto capitalismo dos trustes e cartéis, os esbôços, as miniaturas das grandes estruturas do estado totalitário de tipo fascista, nazista e comunista. Filhos do mesmo ventre, que se entendam.

Nós queremos pôr ordem nesta anarquia.

O liberalismo concebeu um Estado sem finalidade. O fascismo, um Estado com finalidade em si mesmo. O nazismo caminhava para a negação do Estado, com a ideação da supremacia da raça e o predomínio do povo germânico crônico na mentalidade dos coletivistas do além Reno. Numa reunião em Kiel — Kitzberg os teoristas do nazismo negaram a existência dos direitos subjetivos públicos. O comunismo é a negação total. Atomizou a concepção nazista reduzindo o interêsse social ao da "classe", dando uma finalidade às estruturas sociais: produzir. O homem, em tôdas essas mecânicas não é fim, é meio. Instrumento da grandeza do Estado tipo imperial, no fascismo; do domínio do pangermanismo messiânico; do proletarismo classista soviético. Para o liberalismo o homem não é nada. O liberalismo não tem definições. É o estado dos estados intermediários, assim como o pastoso, que não é líquido nem chega a ser sólido... O homem natural dos liberais, não é "pessoa", é indivíduo. O liberal não afirma nem nega, nêle, a existência de uma alma; sim-

plesmente a ignora. A sociedade, para o liberalismo, é um agrupamento sem interpretações. O homem isolado, centrifugado de seu grupo natural dissociado, "justapõe-se" a seu semelhante. Na hierarquia da complexidade dos tipos de sociedade que a sociologia estuda é o mais rudimentar. Estará abaixo do nível das alcatéias que, na provisoriedade do seu associacionismo, têm um vínculo de interêsse comum a unir as feras: fortalecerem-se para matar a fome. A soma de homens sem personalidade não chega a constituir uma sociedade; é um ajuntamento inorgânico. Tôda sociedade tem uma personalidade, um esquema somático, resultante da soma dos que a compõe, radicados num passado comum, representando uma herança, coletiva — não coletivizada! — e que lhe empresta uma fisionomia própria. A consciência disso lhe dará sentido de diferenciação e tendência auto-determinativa. O liberalismo conduz, porquê ignora a "personalidade" do homem e, logo, dos grupos humanos, ao caos nacional e internacional e prepara o campo para o coletivismo negativista e para todos os regimes de fôrça, sem base ideológica, até, mas produzidos pela adaptação das leis do mundo dos instintos ao mundo sócio-político que deve ser o do esplendor da racionalidade, como queria o genial peripatético.

Logo, é preciso determinar uma teologia integral que afine uma escala de instrumentalidade

capaz de unir as estruturas servientes temporais às projeções sobrenaturais de sua finalística. Porque nós partimos de uma concepção total do homem e do universo, afirmamos que êste homem é um ser composto de corpo e de alma, unidade substancial com exigências próprias às partes que o compõe. Por que afirmamos a existência de Deus, princípio e **fim** de tôdas as coisas, subordinamos, de imediato, tôda nossa filosofia, a esta afirmativa para nós, dogmática. Ora, se Deus é princípio e fim de tôdas as coisas — alfa e omega — tudo tem fim em Deus, mediata ou imediatamente. Se tudo tem fim em Deus, nada pode ter fim em si mesmo. Há um fim exógeno a tôdas as coisas. Então afirmamos que o Estado, sendo, como é, a última e mais complexa das organizações sociais, não tem um fim em si mesmo. É instrumento, é meio. Como não seja apenas a nação politicamente organizada, como é do gôsto dos doutrinadores do Estado de direito, dizer, mas além disso, pode-se conceituá-lo como sendo a projeção jurídico-político-administrativa duma realidade institucional a cuja fisionomia e caracteres próprios deve-se submeter — a Constituição é **instrumento de govêrno** também — a finalidade imediata do Estado é servir à Nação. Mas, sendo a Nação quem cria o Estado e sendo êste instrumento que serve, à Nação, conclue-se que a Nação sendo um conjunto de famílias, serve, imediatamente, a estas para que estas sirvam ao ho-

mem para que o homem, finalmente, cumpra a sua destinação última que é servir a Deus. Daí uma hierarquia: o Estado é mais importante que a família na **ordem dos meios**; a família é mais importante do que o Estado **na ordem dos fins**. Entretanto, como a ordem dos fins determina a família é o mais importante agrupamento da sociedade humana organizada. Na ordem de anterioridade o homem teve preeminência sôbre a família, esta sôbre a Nação e a Nação sôbre o Estado. Tudo, pois, serve ao homem para que o homem sirva a Deus.

Nós, contudo, afirmamos que o homem é livre e dessa natureza libertária gozam, de conseqüência, a família inviolável nos seus direitos naturais fundamentais, e a Nação — soberana, inviolável, outrossim, na sua personalização, que não pode ser deformada por um Estado de estrutura inadequada à sua realidade histórica.

Então, cremos na liberdade, afirmamo-la, mas só a entendemos suborbinada a um fim ético. Ninguém pode-se dizer "livre" para o mal, no sentido em que se lhe reconhecesse tal liberdade garantida... Por isso, para nós a liberdade é meio. A autoridade, que visa à garantia da liberdade é, por isso mesmo, também, meio.

Mas, como a concepção do Estado Integral, na soma de tôdas as valorizações da sociedade que pretende organizar subentende um estado de harmonia e equilíbrios tanto quanto possível perfeitos,

humanamente falando, segue-se que êle tenderá, por um fatalismo irremovível, a ser o "instrumento" ideal do bem comum que "deve ser" o bem de cada um, não o bem de uma Humanidade um tanto abstrata, em cujo abstracionismo dilui-se a realidade Homem. Então compreendemos o Estado Caridade, não no sentido paternalista deformado que a demagogia assanhada popularizou numa sociedade que a si mesma se fêz orfã de Deus, a se desdobrar em messianismo que nada tem de providencialista, no bom sentido da expressão; não no sentido do Estado-esmola que supõe fazer favores quando cumpre obrigações; não no sentido do Estado aburguesado que se omite diante dos torvelinhos da desordem social e depois aplica cataplasmas às equimoses dos desavindos, com expedientes de burocracia alimentada à custa dêles próprios; mas naquele sentido divinatório que pôs nos lábios de OZANAM, algumas décadas antes da "Rerum Novarum" a expressão que é uma resplendente síntese da filosofia política do Cristianismo e que, em pleno apogeu do liberalismo, traçou as coordenadas mais longas da doutrina em suas projeções sociais: "Creio na liberdade como meio; na autoridade como meio; na caridade como fim".

Mas, continuamos, o Estado Integral se entende um Estado Liberdade, densamente embebido de espiritualidade, pois, eis que a liberdade pertence ao Espírito. Por isso mesmo o Estado Inte-

gral é interferente na fenomenologia social para regulá-la, segundo os princípios da Justiça. Daí porque concebemos o Estado como um Poder Revolucionário que deve se antecipar no reajustamento das camadas sociais, cada vez que a dinâmica societária anuncia estremecimentos profundos capazes de fissurar a crôsta ou provocar os desmoronamentos dos grandes terremotos de geologia dos interêsses em crise de acomodação. Poder Revolucionário é poder **de fim.** "Justamente porque o Estado Integral é **finalista** é que êle avoca o direito de ser revolucionário". (A Quarta Humanidade — Plínio Salgado). Ora para interferir deve ser dinâmico e, necessàriamente, livre e autoritário; só a autoridade lhe garantirá o exercício da liberdade de intervir para alcançar a sua **finalística do bem** que se resume, afinal, na distribuição da Justiça. E Justiça é Caridade.

O Estado soberano e servo da concepção integralista, tem, pois, seu fim último em Deus. Sirva o Estado a Nação, para que esta sirva à Família para que a Família sirva ao Homem para que o Homem sirva a Deus a quem deve amar sôbre tôdas as coisas; e amar é servir. Logo, o Estado Integral é teófilo e deve servir a Deus, porque serve ao Homem para que êste sirva a Deus. Mas, só a Caridade serve: "Serví-vos, uns aos outros pela caridade do Espírito. Porque tôda a lei se encerra nesta palavra: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

(S. Paulo — Aos Gálatas). Logo, impõe-se: o Estado Integral é o Estado Caridade.

Essa subordinação ao fim último em Deus, está no pórtico do Manifesto de Outubro quando diz: "Deus dirige o destino dos povos". Afirmação que tem ressonâncias agostinianas: "Prorsus divina providentia regna constituuntur humana". (De Civit at Dei, V. I; PL., XLI, 140).

(in A MARCHA, 20-11-1958)

HÉLIO ROCHA

O INTEGRALISMO NÃO É TOTALITARISMO

INTRODUÇÃO

URGE revolver e transformar tudo.

O pantanal está insuportável.

É necessário muita audácia e muita rebeldia para resistir à lama de planície igualitária.

É preciso, abrigar, antes de tudo, a chama sacrossanta do Ideal, porque até mesmo os precursores estagnaram... Transmudaram-se em ruminantes das primeiras idéias.

Outros julgam que variar é evoluir.

E enquanto isso, o conformismo vai nivelando o resto numa mediocridade repugnante.

Entretanto, a despeito do charco, ainda há alguns que se debatem e não despregam os seus olhos do alto da montanha.

É que alguém lhes disse que aguardassem e não cedessem, porque a madrugada vem surgindo e em breve o sol incendiará a crista da cordilheira. E quando a luz se derramar pelas encostas abaixo, o lôdo e a lama secarão e os que não se contaminaram serão libertados do pântano...

Esta certeza é o dínamo propulsor da nossa Mística-Revolucionária.

Por isso e para isso é que nos empenhamos neste combate, tão desproporcional e tão cruel.

Somos prenúncio de alvorada e o Brasil está cansado de trevas.

O sentido Cristão-Revolucionário do nosso Movimento está abalando até mesmo os insensíveis.

A nossa presença profilática delimitou, com nitidez, as fronteiras de dois campos distintos, que outrora se confundiam, perigosamente.

Não há mais meio têrmo entre Cristo e anti-Cristo.

Não há mais zona neutra entre Brasil e anti-Brasil.

Esgrimimos numa dialética insofismável, através da qual, o brasileiro desperta, adquire personalidade e toma posição definida em face de Deus e da Pátria.

A nossa arrancada patriótica está empolgando êste Brasil mergulhado em total disponibilidade.

Somos a Grande Marcha em cuja frente vão os sonhos, as angústias e as esperanças de milhões de brasileiros.

Somos da estirpe varonil dos indefectíveis.

Crêmo-nos portadores da Verdade que, lògicamente, não pode estar, conosco e ao mesmo tempo com os nossos adversários.

Só cremos que o Brasil se realize, integralmente, através da nossa fórmula: — o Nacionalismo-Cristão.

E é preciso sentir isto até o fundo da própria alma.

Mesmo porque, esta crença dogmática, esta convicção eletrizada é a razão de ser do magnetismo que exercemos sôbre esta geração vazia de Fé e de Patriotismo.

Somos algo de inteiramente novo em matéria de audácia e sacrifício.

Quem não sente o contraste berrante entre o nosso idealismo sadio e a política, instintivamente, utilitária dos dias que correm?

Quem não percebe, deslumbrado, a severidade com que fulminamos as nossas próprias imperfeições, humanamente, inevitáveis?

Somos o pavor dos impuros porque seduzimos os bons com o exemplo da nossa incorruptibilidade — antítese contrastante da borra social dêste imoralismo reinante enxarcado de sexo, mas estéril de alma e de dignidade.

A continuidade Histórico-Tradicional do Brasil depende ùnicamente da vitória da nossa Doutrina.

O destino da Pátria confunde-se com o nosso próprio.

E tudo isso nós o sentimos de um modo transcendental.

Somos dotados de uma tenacidade sobre-humana e de uma ilimitada capacidade de sofrer.

Entendemos que a mobilização espiritual da Mocidade tem que se operar nesta efervescência de dores e esperanças, angústias e inquietações.

Temos que forçar o ressurgimento de "uma Nação dentro da Velha Nação".

Temos que criar formas novas e falar diferentemente a nossa Verdade.

É preciso marcar tudo com a nossa **"marca"**.

Ai de nós se formos indignos do sacrifício dos heróis e mártires do nosso Movimento!

Jovens Nacionalistas Cristãos! Incendiai-vos! Dinamizai-vos!

Falemos, duramente, a nossa Verdade, — doa a quem doer...

Escandalizemos os decrépitos, os imutáveis, os incapazes de evoluir.

Desçamos ao Proletário para convencê-lo de que também é nossa a sua sêde de Justiça. Para dizer-lhe que o seu Sofrimento é a razão de ser do nosso Sofrimento.

Brademos em voz alta que o nosso maior escândalo é não havermos recuperado ainda todo o Operariado que deveria ser nosso — Nacionalista e Cristão. E êste é o maior débito que temos para com o Brasil...

Precisamos chegar primeiro porque a Negação e o Êrro se alastram e ganham terreno, vertiginosamente.

As Esquerdas e as Direitas falharam conforme nossas previsões.

A Verdade que não se divide está conosco que nunca nos dividimos.

A Verdade que não pode sucumbir está conosco que subsistimos e permanecemos.

Urge acelerar o Ritmo Revolucionário Integral.

"Os moços amam as madrugadas para partir. Enquanto houver madrugadas haverá viajantes. O guerreiro nasce todos os dias porque o mundo nasce em tôdas as madrugadas".

INTEGRALISMO E TOTALITARISMO

I

DOUTRINA

A Doutrina Integral ou Integralismo — a fórmula mais espiritualista da Democracia Orgânica — é o conjunto harmônico de tôdas as teses do Nacionalismo-Cristão, através da sua feição, genuinamente, brasileira, objetivando, acima de tudo, a realidade nacional.

Sendo o Integralismo algo novo, na sua aplicação sul-americana, é contudo, na sua essência, a cristalização das Verdades Eternas do Cristianismo evidenciadas, já, em tantos Documentos Pontifícios.

Dêste modo, o mais rudimentar dos raciocínios alcança, de pronto, que o Integralismo e Totalitarismo são filosofias inconciliáveis.

O binômio Nacionalismo-Cristianismo exclue, racionalmente, qualquer tentativa de aproximação real ou aparente entre a Filosofia Integral e as Doutrinas Totalitárias.

Como Nacionalistas, constituímos o polo diametralmente oposto aos Totalitarismos da esquerda que, por fôrça de lógica, hão de sustentar sempre a negação sistemática do princípio das Nacionalidades, em pról de um internacionalismo dissolvente e desfibrador do sentimento patriótico.

Como Cristãos, somos a antítese insofismável de qualquer totalitarismo (esquerda ou direita) os

quais, por coerência aos seus postulados estatalistas, hão de violentar e absorver a Personalidade Humana, bem como ferir os Direitos do Homem, por meio do estribilho constante das decantadas Razões de Estado.

Vê-se pois, que seria emprêsa de insensato alguém pretender aproximar o Integralismo dos vários Totalitarismos, porquanto cairia no fatal antilogismo de querer identificar ideologias visceralmente antagônicas.

Afinal como conciliar o Totalitarismo cujo fundamento é anti-cristão com o Integralismo que é, por essência, de inspiração Evangélica?

II

PLÍNIO SALGADO E OS MITOS TOTALITÁRIOS

Há palavras que se tornaram propriedade exclusiva dos Ditadores. E como tal não entram no vocabulário dos pensadores políticos de formação democrática — por conseqüência, Cristã.

É o caso de certos nomes que se transformaram em tabus para os adeptos de qualquer ideologia totalitária. Por exemplo **ESTADO**, ou então **CHEFE** ou mais ainda **RAÇA** e por fim **CLASSE** e **DITADURA**, etc.

Sôbre tais assuntos o Integralismo sempre se manifestou impecável e fiel à sua feição genuinamente democrática.

Pugnando em 1932 pelo Sistema Representativo (Corporação), nada mais exprimia o seu Programa senão, a legítima fórmula da Democracia Orgânica.

Para melhor julgamento transcrevo abaixo inúmeras citações de apologistas do Totalitarismo comparando-as, imediatamente, com trechos de Plínio Salgado sôbre o mesmo assunto, afim de constatarmos o antagonismo absoluto que há entre Integralismo e Totalitarismo.

DOCUMENTAÇÃO

ESTADO

Fala Mussolini:

— "Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fóra do Estado". **(Discurso no Scalla de Milão).**

Afinal como conciliar o Totalitarismo cujo fundamento é anti-cristão com o Integralismo que é, por essência, de inspiração Evangélica?

Fala Plínio Salgado em 1937:

— "Estamos penetrados muito mais pelas razões de Deus que pelas razões do Estado". (Vide **"Páginas de Combate", página 80).**

DITADURA

Fala Bouckarine:

— "É necessário que o poder proletário seja uma Ditadura operária". (Vide **"ABC do Comunismo", página 83).**

Fala Plínio Salgado em 1937:

— "Só os povos selvagens, bárbaros ou sem dignidade toleram ditaduras sejam elas civis ou militares". (Vide **Artigo de "A Ofensiva", 1937).**

— "Um povo civilizado não tolera ditaduras". **(Idem).**

RAÇA

Fala Hitler:

— "Só há um direito humano e êsse direito é ao mesmo tempo o mais sagrado dos deveres, cuidar da conservação do sangue puro". **(Vide "Minha Luta").**

Fala Plínio Salgado em 1933:

— "O Estado Integral não se deve confundir com o absurdo do Socialismo racista — o Nazismo". (Vide **"Diretrizes Integralistas", artigo XXIII).**

CHEFE

A divinização do Chefe como entidade extra-terrena e super-humana constituiu a preocupação constante de todos os Ditadores.

De Mussolini, Hitler e Stalin coligimos uma antologia completa de trechos destinados a endeusá-los. Contudo, seria enfadonho transcrevê-los por serem demasiadamente conhecidos.

Porém, qual a concepção do fundador do **Integralismo Brasileiro** sôbre o sentido da palavra — **CHEFE?**

Fala Plínio Salgado em 1934:

— "O Chefe não é uma pessoa: é uma idéia".

— "Devemos libertar-nos definitivamente da

adoração dos homens como a idolatria do Homem na Alemanha e na Itália".

— "Velai pela nossa Revolução para que ela não degenere na **paranóia religiosa** do Chefe".

— "Desde o primeiro dia combato o messianismo, a idolatria, a desumanização do **Chefe**".

— "A divinização dos **Chefes** torna-se a tortura dos dirigentes". (Vide **"Cartas aos Camisas Verdes", páginas 19, 188, 189 e 195).**

Poderíamos, se quizéssemos, multiplicar, fàcilmente, as citações.

O Integralismo é inatacável porque a sua lógica é férrea, a sua bibliografia é vasta, os seus teoristas são coerentes e sua inspiração é Evangélica.

Enfim... Tudo pode o subôrno neste Brasil bolchevizado.

Entretanto uma pergunta salteia-nos irresistível.

Por que os Srs. Tristão de Ataide, Hamilton Nogueira e Fábio Alves vivem a estigmatizar Plínio Salgado de nazi-fascista?

Desconheciam êstes documentos? Oftalmia, talvez?

Por que os Srs. Carlos Lacerda, Domingos Velasco, Joel da Silveira e Osório Borba insistem em taxar Plínio Salgado de nazi-fascista?

Não leram nunca estas preciosas citações? Oftalmoplegia, por acaso?

Por que os Srs. P. Orlando Vilela, Da. Raquel de Queiroz e Gustavo Corção exploram até hoje contra Plínio Salgado a pecha de nazi-fascista?

Ignoravam estas páginas do chefe Integralista? Oftalmomalacia, provavelmente?

Nada disso.

A calúnia é tão impenitente quanto o interêsse.

Que carnaval de hipocrisia destas recém-vestais do regime democrático...

III

INTEGRALISMO E NAZISMO

Numa série de artigos fartamente documentados, estudei a influência nacionalista do Integralismo na desnazificação do Brasil.

Provei, sobejamente, três teses fulminantes que desafiam o maquiavelismo dos cripto-comunistas do Sr. Maritain.

Primeiramente, provei que Plínio Salgado foi o primeiro jornalista sul-americano que rompeu fogo contra o Nazismo.

Provei em segundo lugar que nenhum escritor brasileiro criticou o Nazismo com mais violência do que Plínio Salgado — justamente na época em que todos cortejavam os Totalitarismos triunfantes.

E em terceiro lugar, provei que Plínio Salgado foi o político mais atacado pelo Nazismo.

Sôbre esta última tese, comentei o violentíssimo ataque do geógrafo racista alemão Maack contra o Integralismo. Aliás, não são poucos os documentos de escritores Nazistas que se indignaram com o Integralismo pelo fato de Plínio Salgado haver dado aos teuto-brasileiros uma consciência americana e um sentimento Nacional.

Tudo isto, os Nazistas ridicularizavam, alegando que Plínio Salgado estava querendo **caboclizar o ariano.**

Sôbre a batalha travada entre Integralismo e o Nazismo, dispomos de valiosa documentação que ainda não veio à luz.

Tal assunto encontrâmo-lo na pena até de escritores estranhos ao nosso movimento.

Leia-se por exemplo, o artigo de Gilberto Freyre intitulado QUESTÃO DE CULTURAS (**Estado de São Paulo, 3 de Abril de 1940**). Consulte-se também do mesmo autor seu valioso opúsculo intitulado UMA CULTURA AMEAÇADA — 1942, página 88 na qual o ilustre intelectual patrício referindo-se à nossa repulsa ao racismo Nazista exclama: "para nós um dos pontos simpáticos e essencialmente brasileiros do programa daquele movimento (Integralismo)".

Dentre os documentos mais preciosos referentes aos incessantes ataques de Plínio Salgado ao Nazismo, há um dos mais desconhecidos e para o qual eu recomendo a máxima divulgação.

Trata-se do artigo publicado em "**A Ofensiva**" em 27 de Maio de 1936 sôbre o título **"A Poeira da Estrada"**. Diz Plínio Salgado:

"O Govêrno de Santa Catarina, resolveu o seguinte: desprestigiar o Integralismo e prestigiar o Nazismo.

Como se sabe o Hitlerismo tem uma Secção do Exterior. Naquele estado existe uma organização alemã nesses moldes.

O Integralismo bate-se contra isso. Está conquistando com grande êxito os filhos alemães para a **Pátria Brasileira.** Êles cantam em nossas escolas o **Hino Nacional** e orgulham-se de possuir agora uma **Pátria** que êles não tinham antes do Integralismo.

Em Santa Catarina os Nazistas têm plena liberdade para desfilar, para realisar reuniões e pregar a sua doutrina; os Integralistas não.

Por que? Porque os Nazistas defendem o "**Jus-Sanguinis**", quer dizer procuram integrar na Pátria Alemã os filhos dos alemães; ao passo que o Integralismo faz o contrário pois mostra com tôda a evidência que êles são **antes de tudo brasileiros** com deveres diretos para com o Brasil.

Essa proteção aos Nazistas e a perseguição aos Integralistas visa um fim sórdido de política rasteira.

O Nazismo pode cantar a grandeza da Alemanha desde que êle se constitua de alemães e **nunca Brasileiros**".

Hoje depois que o Nazismo perdeu a guerra, todo mundo escreve contra êle em favor da Democracia. E Plínio Salgado, que sòzinho enfrentou a fúria fanática dos Hitleristas, é hoje taxado de

Nazista justamente pelos covardes de outrora e subornados de hoje.

Um exemplo.

Bem sabemos a saída espantosa que o livro de Hitler (Minha Luta) teve no Brasil. O brasileiro não gosta de ler, mais as edições deste Evangélho Totalitário, foram sucessivas.

Quereis saber, o que Plínio Salgado estampou na imprensa a respeito do livro de Hitler? Lêde comigo o artigo datado de 5 de Maio de 1936 ao qual Plínio Salgado intitulou **A Lição de Addis-Abeba:**

"Êsse livro de Hitler (Minha Luta) é um comentário vivo à doutrina firmada pela posse de Addis-Abeba. O chefe do govêrno alemão defende alí a tese em que se afirma o direito dos povos fortes de tomar territórios alheios.

O Nacional-Socialismo é um movimento típicamente **Bismarqueano.**

O seu condicionado não é a revolução social, porém, o Nacionalismo na sua máxima exaltação. Nêle predominam de modo imperativo a inspiração de Nietzsche, o sentido político de Frederico II...

Os perigos para o Brasil não vêm nunca de um lado só, mas de todos os lados.

Alguma coisa morreu no mundo depois da Grande Guerra! Foi o sentido dos direitos...

Brasileiros! Não vos iludais!"

Em 1931 muito antes da ascenção de Hitler,

já Plínio Salgado alertava sôbre o perigo das concepções políticas e sociais do movimento Nazista.

Leia-se por exemplo, o artigo **Nacionalismo** publicado em **A Razão**:

"Os partidos da Kultur Kampf proclamam os direitos dos dolicocéfalos do norte da Europa de dominar os outros povos do planeta.

O Nazismo proclama o direito que têem os povos de se expandirem sôbre os territórios alheios.

A tese é puramente materialista".

A esta altura, a previsão de Plínio Salgado raiava a tal descortínio, que no **Manifesto de Outubro de 1932, item IV**, fulminava os apologistas do racismo os quais **"vivem a amesquinhar as raças de que proviemos e criaram preconceitos etnicos de países que nos querem dominar".**

Aliás, êste pensamento, está plenamente em acôrdo com o seu apostolado Nacionalista, quando no ano de 1926 no trabalho intitulado **A Doutrina dos nossos Inimigos**, comentando as teorias racistas asseverava Plínio Salgado.

"Ora, nós, brasileiros, preocupados com os europeus dizerem que não somos uma raça absolutamente ariana.

Orgulhamo-nos da nossa origem". **(Vide Conferência "A Anta e o Curupira").**

Em 1934, prefaciando o seu livro **Sofrimento Universal** após acérrima crítica à tendência totalitária da época, Plínio Salgado afirmava:

"Na Alemanha, Goebels diz que é preferível um povo ter canhões do que manteiga; e Hitler trata de armar o seu povo".

A 25 de Dezembro de 1935, sai a lume o jornal **A Ofensiva** um dos mais famosos trabalhos de Plínio Salgado e que se tornou um dos melhores documentos de exposição da nossa doutrina.

Trata-se de profundas meditações políticas através das quais, o Nazismo e a sua mística doutrinária, são submetidos a uma severa crítica e total condenação. Assim se externa Plínio Salgado:

"O misticismo que na Alemanha se criou sem base religiosa é a própria concepção do Estado Totalitário no seu máximo exagêro. É a filosofia nietzscheneana que haure energias em Bismark e finalmente, traduz-se na mística racista, no paganismo em pleno século XX...

É a concepção do **chefe** como um homem diferente dos outros, um semi Deus".

Um ano antes de aparecer a notável Enciclica **"Mit Brennender Sorge"** de Pio XI, condenando o Nazismo, já Plínio Salgado em 1936, num artigo em **A Ofensiva** de Fevereiro sôbre o título **Hora Trágica** prognosticava tôdas as acusações que contra o Nazismo iria lançar o Santo Padre.

"O Nacional-Socialismo da Alemanha, abre luta contra as correntes católicas e isto vem trazer uma situação mórbida para o estado de espírito do povo alemão".

No artigo **O Drama da Espanha, em A Ofensiva,** de 9 de Agôsto de 1936, há uma condenação veemente contra as Ditaduras.

No trabalho sôbre **O Centenário de Carlos Gomes,** idem 14 de Julho de 1936, Plínio Salgado arremete-se conra a infiltração da propaganda Nazista no sul do país através de gravuras e retratos de líderes políticos alemães.

Conforme apreciações em torno dêstes documentos insofismáveis, não há a mínima possibilidade de aproximação entre o Integralismo e o Nazismo.

Além do mais, sendo Cristãos, como nos seria possível aceitar o racismo e a oficialização da mitologia germânica consubstanciados num Nacionalismo desvairado e num paganismo idolátrico "degenerado na paranóia religiosa do **Chefe**", como bem frisou Plínio Salgado?

Asim sendo, insisto em repetir: **Enquanto houver suborno, haverá quem chame o Integralismo de Nazi-Fascismo.**

IV

INTEGRALISMO E FASCISMO

(Como Tristão de Ataíde e Plínio Salgado viam o fascismo antes da guerra)

Bem poucos homens teem sido tão calculadamente cruéis para com Plínio Salgado do que o Sr. Tristão.

Dir-se-ia que o seu fanatismo socialista, lhe cega a consciência a tal ponto que seria capaz de vender a própria alma para lograr exclusividade no título de Carrasco de Plínio Salgado.

Assim como o seu mestre Jackson de Figueiredo, também nós, os Integralistas, fomos traídos, inesperadamente, pelo Sr. Tristão.

Hoje não há quem nos calunie com mais perversidade tal como ontem, não houve quem nos elogiasse com mais exuberância do que êle.

Interessante. Apesar de tão arguto sociólogo, foi preciso que o fascismo perdesse a guerra para que o Sr. Tristão passasse a condená-lo.

Foi também necessário que o têrmo Fascista significasse traidor da Pátria para que o Sr. Tristão visse neste vocábulo o único adequado para aplicar a Plínio Salgado e seus correligionários.

Êste homem diz-se católico. E para nós isto é extremamente desconsertante. Mòrmente quando bem sabemos que por trás de tôda esta deslealdade, não há pròpriamente divergências fundamentais de

doutrina e sim rixas literárias, ciúmes de lideranças e intrigas políticas, estranhas à vítima.

A personalidade de Plínio Salgado é magnética e a sua linha moral, a sua coerência doutrinária seduz a mocidade num milagre inexplicável. E o resultado é esta guerra inescrupulosa dos que se sentem com isto prejudicados.

Atualmente, o Sr. Tristão encarregou-se de taxar de Fascistas todos os que discordam da sua orientação esquerdista. Entretanto a sua vítima predileta vem sendo o homem de cuja pena saíram as maiores condenações ao Fascismo exatamente na época em que o Sr. Tristão externava os seus maiores aplausos àquele credo totalitário. E hoje quando procura desculpar-se alegando haver-se enganado com o Integralismo, nós temos fôrça moral para dizer-lhe que suas simpatias, suas tendências, seus aplausos irrestritos foram ao Fascismo. Logo o Integralismo entra, hoje, em suas arengas de oportunista assim como Pilatos entra no Credo.

Senão vejamos:

APLAUSOS DO SR. TRISTÃO AO FASCISMO, ACONSELHANDO-O AO BRASIL.

1929 — Precisamos imitar "essa velha e admirável Península (Itália) que soube arrancar de sua vontade e do seu gênio, êsse milagre de um segundo **risorgimento** a que estamos assistindo deslumbrados **(refere-se ao Fascismo — vide Estudos, 1.ª Série, página 103).**

1935 — "Grande e sadia reação Nacionalista que partiu da Itália e se estendeu a vários países da Europa contra o suidício do Ocidente pelo ceticismo liberal". **(Ind. Polit., pág. 241).**

CONDENAÇÃO DE PLÍNIO SALGADO AO FASCISMO REPROVANDO-O PARA O BRASIL.

1930 — "Tenho estudando muito o Fascismo: não é êsse o regime de que precisamos... Aliás a minha orientação não tem nenhuma influência Fascista". **(Carta datada de Milão, Julho de 1930, a Manoel Pinto, e transcrita na obra PLINIO SALGADO, página 19).**

1931 — "Os modelos de Mussolini e de Hitler, suas estratégias, seus processos não valem nada no caso do Brasil". (Vide **artigo intitulado Fisionomia, em A Razão, retranscrito em Despertemos a Nação, página 105).**

1933 — "O Integralismo é pela organização Corporativa, não à maneira do Fascismo porém, exprimindo a Democracia Orgânica". (Vide **"Diretrizes Integralistas", item XXV).**

1934 — "O Nacionalismo Fascista tem um laivo de jacobinismo bem alarmante". (Vide **"Doutrina do Sigma", página 161).**

1938 — "Democracia Orgânica como o tínhamos sonhado em nada se parece com os regimes do tipo Fascistas". **(Vide carta a Getúlio Vargas amplamente divulgada).**

NOVOS APLAUSOS DO SR. TRISTÃO AO FASCISMO.

1935 — "Tenho a mais viva simpatia pelo Fascismo e por tôda esta moderna reação das direitas". (Vide **"Indicações Políticas", página 209).**

1935 — "Êsse ambiente de dedicação, de sacrifício, dessa vida heróica, dêsse despertar das Direitas que Mussolini tem posto em foco de modo tão feliz é talvez a conseqüência mais benéfica para o espírito das novas gerações". **(Idem, 203).**

Como vemos não teríamos o direito de exumar velhas e contraditórias opiniões do Sr. Tristão, se não fôra a sua inconsciência oportunista que apesar de seus telhados de vidro vive a apedrejar os que têm tecto de cimento armado.

A verdade insofismável é a seguinte:

Tristão de Ataíde defendeu o Fascismo, desabridamente.

Plínio Salgado atacou o Nazi-Fascismo, com todo o ardor da sua sinceridade.

O primeiro mudou de rumo após a catástrofe dos credos Totalitários; o segundo permaneceu inabalável e coerente, razão pela qual se transformou em para-raios das iras dos **Profissionais de Conversões.**

NOTA

Contrariando a inúmeros correligionários trouxe à baila as perseguições sistemáticas do Dr. Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) contra o Integralismo.

Aliás qualquer integralista que defende Plínio Salgado das calúnias do Sr. Tristão sente o coração amargurado em tocar, mesmo de leve, no autor das Indicações Políticas.

Embora saibamos que o Sr. Tristão só nos deseja expatriamento, perseguições, novos cárceres e prisões em massa, contudo, não nos devemos esquecer nunca, que durante o exílio de Plínio Salgado, foi Tristão de Ataíde quem nos alimentou intelectualmente, de 38 a 45, apesar dos pesares. Há poderosas fôrças, interessadas na impossibilidade de conciliação entre êstes dois eminentes pensadores dos quais depende o Cristianismo neste Brasil, — vácuo espiritual, cujos habitantes ou foram ianquizados ou bolchevizados até a medula.

Creio que Deus muito lhe há de perdoar em recompensa ao pão espiritual com que nos suavizou a fome de idealista durante a escuridão totalitária, quando o fanal das nossas esperanças fôra desterrado para muito além do alcance dos nossos olhos e quando desabou sôbre nós tantas torturas e tantos sofrimentos que seriam capazes de amolecer o coração até mesmo de um Tristão de Ataíde.

VI

INTEGRALISMO E MARITAINISMO

1.º

PROFISSIONAIS DA CALÚNIA

Da apostasia política, advem como corolário fatal a prevaricação do jornalismo.

Mas antes de iniciarmos a dissecação moral do terrorismo difamatório manobrado pelos atuais jirigotes da pena, cumpre-ns ressalvar das nossas verrinas a imprensa honrada, aquela que constitui exceção ínfima na preamar alarmante da capadoçagem jornalística, da pasquinaria de aluguel e do periodismo depredatório.

Inegavelmente, o clima psicológico é dos mais favoráveis a êstes energúmenos, porquanto, no descompasso arrítmico da vida nacional, tudo é cabível neste atropelo, onde tudo se assemelha a um concerto de despropósitos e a um côro de despautérios.

Na história política do Brasil, a calúnia profissional tem exercido um papel tão deletério e tão devastador que daria matéria para um avantajado ensaio de psicologia político-social dos mais curiosos.

Já nos abalançamos em esquematizar o assunto e constatamos que a verdade dos fatos se refrata numa projeção caricatural sôbre o sensacionalismo de certa imprensa política e a conseqüência desta aberração moral é que o esclarecimento do público

está sempre condicionado a dilações e calúnias mais vergonhosas, a difamações e vinganças mais repelentes, a inveracidades e injúrias mais comprometedoras, tudo por culpa exclusiva desta sub-imprensa, onde se respira uma atmosfera moral de vigésima categoria.

Ao sabor dos interêsses subalternos não há reputação que resista ao estraçalhamento impiedoso da cainçalha, nem há contextura moral que se abrigue da granizada injuriosa dos desapiedados, nem há dignidade imaculada que se resguarde da lama espadanada pela detratação dos difamadores.

Em nossa vida política, a despeito de tôda a claridade tropical que nos inunda de luz a alma inteira, nem por isto, é menos obnubilado o domínio tenebroso do terror difamatório.

É que entre nós, o libelista profissional guindou-se às culminâncias de distribuidor onipotente de graças e desgraças.

Por isso, é debalde reptar-lhe as difamações desalmadas, pois que tem a garantir-lhe as investidas peçonhentas, a oligarquia dos interessados. Inútil desafiar-lhe a malevolência flagrante, porquanto tem a endossar-lhe as traficâncias subterrâneas, a bolsa dos poderosos. Desnecessário refutar-lhe a ignomínia desclassificada, porque tem a assegurar-lhe o êxito da campanha o silêncio capcioso dos covardes amedrontados.

De modo que, graças a êste ambiente tão providencial aos porta-estandartes do oportunismo, a pasquinaria devassa, a pena de aluguel, a estreiteza sectária campeiam desenfreiadamente, para a grande vergonha de um povo comprometido por esta espécie de imprensa que insiste em lhe ser o espêlho moral.

2.º

OS CANIBAIS DA IMPRENSA

Destaquemos agora, o caso populista.

A intolerância totalitária dos depredadores do P. R. P. sejam êles gratuitos ou pagos trazem no seu hiperbólico fanatismo a incandescência dos mais ortodoxos discípulos de Goebels.

Para êstes canibais da imprensa, o têrmo discordar deve ser interpretado à luz obsoleta de uma exegése ultra-inquisitorial, mercê da qual, êstes quadrilheiros de pasquins despresando, ostensivamente, a ética jornalística desmandam-se numa sofistificação frenética que em tudo se assemelha às emanações biliosas extravadas da vesícula de um atrabiliário.

Para êstes espadachins da pena, o verbo discordar sofre uma tortura semântica que o torna irreconhecível, graças, únicamente ao intolerantismo do ódio proteiforme que se compraz em desvirtuar os fatos, em deformar as almas e em dobrar as consciências.

Para êstes histriões da publicidade, discordar é caluniar desabridamente, é difamar sem piedade, é mentir sob cálculo, é comprometer, perversamente, o adversário.

Para êstes tarimbeiros do panfleto, discordar é aproveitar do terror difamatório para alugar aplau-

sos, vender opiniões, mercadejar idéias, numa síntese de tôdas as teratologias morais concebíveis.

Assim compreendem a liberdade democrática, êstes papões de geléia que tão recentemente se transmudaram em campeões da democracia, embora a ela ainda não se aclimatassem por mais que isto alardeiem em péssimas encenações, de arraial.

Falta-lhes, sem dúvida, o que de mais essencial existe no regime democrático, isto é, o espírito de tolerância.

À mais leve discrepância, êsses totalitários rompem num furor colérico que lhes varre a serenidade e a compostura rebentando-lhes as comportas do respeito e da dignidade forçando a que os prelos vomitem em brasa a borra espúrea dos seus instintos irrefreados, numa fúria de tresvariados inteiramente irresponsáveis.

No desenfreio de sua torpeza êstes navalhistas da imprensa utilizam-se dos recursos mais degradantes e valem-se dos expedientes mais indecorosos, contanto que as calúnias por êles engendradas, tomem corpo e movimentos próprios suficientes para se propagar em desatino, sob a irresponsabilidade incendiária do boletim volante ou sob a covardia traiçoeira dos editoriais anônimos.

E para vergonha de uma Pátria e desmoralização de um regime são êstes capoeiristas da pena que se fazem passar por vestais pulquérrimas da ortodoxia democrática, nestas plagas.

índoles de lacaio que nem aos olhos mais inespertos logram disfarçar o lodaçal imprudente de um mercenarismo barato!

Almas de lama que não percebem inoquidade das acusações desprovidas de documentação comprobatória!

Convicções de empréstimo que não se detém ante a vilania de um aluguel de consciência, sem escrúpulo!

Espíritos de sargeta que não se arreceiam de repugnar o público com a linguagem porno-escatológica dos seus dejectos mentais esquecidos de que só se valem de baldões justamente, por lhes faltarem razões!

Caractéres de charco que jamais criticam frontalmente a nossa doutrina, nem a criticarão nunca, pois a posse da verdade soberana, dá-nos uma perícia incomparável na destruição eficaz dêstes campos minados de increpações odiosas, de injúrias repelentes e de indignidades difamatórias.

Naturezas de réptil que não recuam diante das emboscadas traiçoeiras do sofisma, nem perante as escaramuças indecorosas da mentira, armadas tôdas elas nos porões putrefatos da covardia.

A todos êstes artistas de mãos larápias, é-lhes dificílimo compreender-nos, a nós.

E, como a audácia integralista ferreteia implacàvelmente tanto as causas como os efeitos de tôdas

estas inconseqüências, somos nós para-raios dos ódios dos profissionais da calúnia.

Contra o P. R. P., cada vez mais crescente em extensão e profundidade; contra a influência cristianizadora dos seus princípios; contra a unidade indestrutível de sua atuação; contra a coerência miraculosa das suas atitudes; contra a irrefutabilidade da sua doutrina nacionalista-cristã é que, o anti-patriotismo da imprensa vermelha, nacarada grenat, purpurina e demais cambiantes esquerdistas, derrama o fel das suas iras ante a passividade da outra imprensa que, com o silêncio calculado, assiste ao profissionalismo da calúnia desabrida, prestando dêste modo ao comunismo uma valiosíssima colaboração.

Nesta campanha tremenda que enfrenta o P. R. P. lançada por esta imprensa a que aludimos todos os recursos fornecidos por Moscou — o arsenal de calúnias — foram postos à disposição dos nossos detratores.

Mas a despeito do seu êxito efêmero, — que nudez vergonhosa de escrúpulos! Que antilogismos comprometedores! Que probabilismos sinuosos! Que interpretações tendenciosas! Que primarismo crítico! Que puerilidades risíveis! E que desonestidade intelectual!...

Enfim é preciso, acima de tudo, crer na ressurreição da Pátria.

Quanto aos homens que transmudaram a pena em picareta, resta-nos sòmente dizer-lhes estas palavras cruas mas sinceras:

— A quem faltar coragem para reconhecer a verdade e desassombro para proclamá-la. A quem faltar superioridade moral para penitenciar-se das calúnias levantadas. A quem faltar o espírito de caridade para arrepender-se, sinceramente, de todo o mal praticado — quebre a pena malfazeja e não escreva nunca sôbre o Integralismo e muito menos sôbre Plínio Salgado.

3.º

OS NEO-DEMOCRATAS

É o caso dos esquerdistas do Sr. Maritain.

Não lhes basta a camuflagem com que socializam o Catolicismo; vão mais longe. Inauguraram na literatura Católica um estilo pornográfico até então desconhecido. Dêste modo ninguém se surprenda com o fato de a revista "A Ordem" referir-se a obra de Plínio Salgado nestes têrmos: "revolvamos estas fezes". Ou então denominar-lhe a produção literária de pura "bestiologia".

A crítica por exemplo do livro Conceito Cristão da Democracia do festejado pensador político mereceu nas páginas desta revista — que é de alta cultura — a seguinte introdução: "Apesar da repugnância que causa êste nome..." (refere-se a Plínio Salgado). Quão diferentes foram as palavras de Leonel Franca e do Cardeal Cerejeira sôbre Plínio Salgado! Enfim... Talvez fossem fascistas...

Esta famigerada falange de socialistas caracteriza-se por uma ferocidade sectária e um intolerantismo totalitário tão extremados que constituem o polo diametralmente oposto ao espírito de Amor e Bondade que emana do Sermão da Montanha.

Êste caudilhismo dissidente, com o seu trapézio de complacências comprometedoras e suas concessões doutrinárias, tornou-se um verdadeiro fla-

gelo para os católicos inflexíveis e inamoldáves às inovações heréticas dêstes forjadores de uma "**Nova Cristandade**".

E como a nossa estirpe espiritual é da linhagem robusta dos indefectíveis e como a nossa incorruptibilidade não tolera transigências, mòrmente em se tratando de Fé e de Patriotismo é de pressupor-se, desde já, as razões do ódio turbulento ateado contra nós pelos fanáticos no mito maritainista.

Munidos de uma adjetivação macerada num caviloso oportunismo vivem a anatematizar perversamente com o estigma de reacionário-fascista a quem quer que não trafegue na bitola estreita do sr. Maritain. Também há de palmilhar a estrada da amargura o infeliz que não zigzaguear no tabogã das periódicas conversões que tão assiduamente assaltam êstes árbitros das **modas** filosóficas estampadas nos figurinos de Paris.

Improvisaram-se em visitadores de um estranho Santo Ofício e insistem em farejar nos seus desafetos vislumbres de heterodoxia democrática. E para darem vasa à virulência caluniadora que tanto os distingue reservaram para si o privilégio de dividirem a humanidade em Democratas e Fascistas mediante a condição de ser-se ou não um turibulário do esquerdismo maritainiano.

Neste facciosismo desenfreado, esgotam o vocabulário dos sofismas na ilusão estulta de quererem

demonstrar a possibilidade de uma simbiose **monstruosa** entre o Cristianismo e o comunismo.

A estas recém-vestais da democracia, não lhes admiro a capacidade de talento mas a da consciência... sim.

Atualmente nesta farândula política a rodopiar em tôrno das delapidações orçamentárias que em tudo por tudo favorecem ao clima das maquinações comunistas e devido aos quais tudo nos impõe definições explícitas, coerência inabalável e unidade doutrinária — é-nos sumamente desnorteador o linguajar impreciso da corrente maritainista, dando lugar a conclusões arriscadas, fazendo aventureiramente o jôgo da esquerda, oscilando com insistência perigosa entre Roma e Moscou e orgulhando-se audaciosamente por se tornarem os responsáveis pela cisão que se acentua cada vez mais entre os intelectuais fiéis à cátedra de Pedro.

Evidentemente seria paradoxal que a verdade Católica estando nas encíclicas e pastorais que esclarecem, delimitam, e iluminam as zonas limítrofes entre a ortodoxia e a heterodoxia, estivesse também na pena filo-soviética dêstes dissidentes que turvam, confundem e camuflam aquelas diferenciações tão necessárias à varonilidade da Fé.

Onde Roma diz — intransigência. Êles respondem — colaboração.

Onde o Vigário de Cristo clama — inflexibilidade. Êles trombeteiam — condescendência.

Onde a voz do Papa alerta — vigilância. Êles negociam conluios doutrinários.

Onde o Sumo-Pontífice brada pela inalterabilidade da Fé. Êles maquinam a conivência com o êrro.

Agem com a inconseqüência de quem julga o momento atual o mais oportuno para fazerem do notável pensador de Meudon o divisor comum da catolicidade contemporânea.

Sejam êles os intelectuais de "Ordem Cristiano" em Buenos Aires, ou os de "Él bien publico" em Montevideo ou os de "Falange" no Chile ou o super-intolerante grupo de "A Ordem" no Rio de Janeiro e outras sucursais.

São êles os heróis da baralhada política e da balbúrdia doutrinária:

No Brasil o maritainismo resume-se numa estravagante retorta onde fervilha um cripto-comunismo hierático, um neo-liberalismo anacrônico, um filo-sovietismo indisfarçável, um inter-confessionalismo eclético, etc...

Tôda esta panacéia endiabrada e todo êste pandemônio delirante estão desastradamente manipulados num furor tão sectário e num estreitismo tão desvairado que avançam muito a dentro das fronteiras do ridículo:

Lograram êles, por passe de mágica, a solução do binômio ecletismo-dogmatismo e dêste modo não há neste mundo sub-lunar quem escape da pecha de

fascistas ou reacionários ou direitistas em discordando dêles.

Sòmente êles são insuspeitos e estão isentos de possíveis resquícios de cripto-nazi-fàscio-nipo-falango-salazarismo.

(Oh! a terminologia oportunista dos maritainianos requer um glossário especial!!!)

E nestas explorações indecorosas vão logrando êxito na inglória tarefa de cindir a catolicidade, já, tão inconsistente, nestas plagas.

Contudo vamos aos fatos.

4.º

A HERESIA LIBERAL DE MARITAIN

Ouvindo eu em outubro de 44 as despedidas do Pe. Ducatillon ao Brasil completei o ciclo de apreensões que as suas palavras me despertaram desde a primeira daquelas conferências públicas.

Referiu-se êle, amargamente, aos católicos intransigentes que o acusavam de "continuar os erros da Filosofia do século XIX, de cair no Liberalismo, de reeditar as aberrações de L'Avenir e Lamennais".

Foram-me providenciais aquelas asserções do sábio dominicano apesar de elas o forçarem a ferir-se com a própria espada. Graças lhes devo porque refletindo cautelosamente sôbre tais inoportunidades pude articular esquemàticamente as meditações esparsas que me torturavam de longa data.

Era exatamente êste o calcanhar de Aquiles da questão.

Esta habilidade sibilina de confundir o êrro e a verdade numa só aparência e êste probabilismo capcioso prestante a mil interpretações comprometedoras constituiram sempre o perigo constante da corrente maritainista. E é justamente na questão político-social que esta duplicidade perturbadora e esta ambiguidade calculada se reflete, intensamente constituindo o ponto nevrálgico da obra do ilustre pensador tomista. Graças a isto cresce, vertiginosa-

mente, contra Maritain e seus asseclas uma crescente bibliografia antagonista. Dêste modo, ninguém mais que êles contrariam aquelas sábias determinações de Leão XIII na Encíclica sôbre A Democracia Cristã para que "afastem as causas de discussão que irritam e dividem os espíritos" (Graves de Communi).

Em verdade, se o Liberalismo e as concessões de Ducatillon o fazem tão fácil de se enquadrar na Encíclica **"Quanta Cura"**; se o anti-intelectualismo e o cristianismo assacramental de Peguy o tornam tão possível de se encaixar na Encíclica **Pascendi Gregis**; se a Mão Estendida e o Interconfessionalismo de Maritain o deixam tão exposto às refutações pontifícias da **Carta Norte Charge**, é pois, meridianamente claro que a conseqüência mais perigosa da corrente maritainista é exatamente a implantação imprudente desta confusão desvairada nos arraiais pensantes do laicato católico:

De bom ou máu grado, Maritain agasalhou e aperfeiçoou uma casta de católicos disfarçados e oscilantes, camuflados e levianos, simulados e comprometedores.

Nos anos finais da última guerra, uma simples rajada de prestígio soprada das **estepes** foi o suficiente para provocar uma nova conversão no rol das muitas, nestes esquerdistas de fim de safra.

Alucinadamente verteram contra nós o fel das suas iras. Esqueceram apenas de que não é a nós

que êles agridem. É ao campo cristão que êles dividem. Não é a nós que êles enxovalham. É às fileiras de Cristo que êles enfraquecem. Não é a nós que êles denigrem. É a Doutrina Católica que êles dilaceram.

Gratuitamente, os supersticiosos do mito Maritain acharam interessante escolher a figura de Plínio Salgado para atirarem o atrevimento de seus baldões. Aliás não era para menos...

Homens tisnados de todos os matizes, calejados no dedilhar tôda a gama de convicções, habituados a vocalizar tôdas as solfas do oportunismo, não perdoarão jamais a Plínio Salgado a imutabilidade do seu ideal patriótico.

Homens de conclusões dubitativas, de definições ecléticas e de atitudes sinuosas não conceberão nunca como possamos ser miraculosamente fiéis a uma Doutrina a despeito de calabouços e expatriamentos.

Êles sabem que nós não aceitaríamos jamais como mentor intelectual um homem que admitisse confusões em torno do seu nome ou que tolerasse balbúrdias em derredor das suas idéias ou que permitisse oscilações em volta do seu arcabouço doutrinário.

"In cathedra unitatis doctrinam posuit veritatis".

VII

APOLOGIA DO ADVERSÁRIO

A grandeza de uma causa, medimo-la pela altura e pugnacidade dos seus inimigos.

São êles os melhores colaboradores do nosso aperfeiçoamento. Convençâmo-nos de que os adversários são indispensáveis à rigidez da nossa ascése patriótica e à tenacidade da nossa peleja infatigável.

Sem a vigilância ininterrupta dos inimígos, creio que a contingência humana da carne fraquejaria muito mais e relaxaria, demasiadamente.

Nada conheço de mais desfibrador numa causa que a ausência de inimigos.

Uma Doutrina sem contestadores é charlatanice efêmera sem a "marca" de eternidade. Uma filosofia sem impugnadores é moda transitória que todos abraçam por fatuidade.

A ronda invariável do inimigo põe-nos num eterno sôbre-aviso, numa expectativa contínua, numa retidão admirável que redundam para nós em experiência, em sabedoria, em sagacidade e nos imprimem uma presença de espírito impecável.

É a noção de perigo que nos torna a têmpera inquebrantável. É o assédio constante dos adversários, que nos tresdobra as fôrças e nos multiplica a capacidade de resistência.

Causa triunfante — é descanso, é estagnação, é silêncio, é crepúsculo, é cessação de luta.

Causa periclitante — é clarinada e expectativa, é desfraldar bandeira, é impetuosidade, é alvorada, é recomeçar mil vêzes com o mesmo ímpeto, é volver ao ponto de partida tantas vêzes quantas forem as exigências táticas.

Considero um mal o menosprezo aos nossos inimigos. São êles os que fulminam as nossas insuficiências com o mais brutal e necessário dos realismos, pois não fazem nenhuma questão de nos respeitar as suscetibilidades.

Graças a êles, avivamos cada vez mais o perfil que delineia o nosso pensamento afim de que não caiamos no lusco-fusco das definições ecléticas e posições dubitativas.

Guiados pela perversa psicose de nos pegar em flagrante e de nos descobrir os erros, êles nos fazem exímios precavidos e nos tornam peritos em previdência.

Devido a êles somos forçados incessantemente a avaliar as nossas fôrças, a pesar as possibilidades, a medir, a sondar, a rever, a investigar tudo a não confiar em nada além de nós mesmos. E isto nos dá uma noção exata da nossa realidade e nos possibilita a calcular com uma certeza axiomática.

Convenhamos portanto, que tôdas estas qualidades que os inimigos nos aprimoram são tônicos altamente revigoradores do nosso entusiasmo.

Deus conserve os nossos inimigos.

Há espécies que só existem para o aperfeiçoamento de outras.

(Edições Sino de Prata, Rio de Janeiro, 1950).

GUMERCINDO ROCHA DÓREA

PLÍNIO SALGADO E A ESTIPRE DE ARETINO

INTRODUÇÃO SUMÁRIA

QUANDO, em Veneza, na segunda metade do século dos grandes descobrimentos, morria Pietro Aretino, "o maior difamador dos tempos modernos", a sua figura ingressava no mundo intelectual como o paradigma mais perfeito dentre os que usam a pena como instrumento da maledicência e da detratação. Aretino, diz-nos Jacob Burckardt, representa o primeiro caso em que a publicidade é utilizada para os fins mais indignos, "fazendo negócio com a publicidade mais completa e absoluta, e, sob um certo ponto de vista, podendo ser considerado como um dos precursores do periodismo" (1). Perante a sua capacidade difamatória todos se curvavam: leigos e sacerdotes, capitães e soldados, a riqueza e a pobreza.

Outro século entregou à História da Humanidade o vulto de Voltaire. E muitos outros, detratores mirins, locupletam os anais da existência histórica.

São os lançadores de calhaus, encontradiços em tôdas as estradas trilhadas pelos homens que se fazem portadores de idéias. Dentre nós, Ruy Barbosa bem pa-

(1) — Jacob Burckardt, *La Cultura del renascimiento en Italia*, Madrid, Editorial Escelicer, S.L., 1941, págs. 105-108.

rece ter sentido, na carne, "êsses escote doloroso, que os maiores nomes da História pagaram às paixões contemporâneas". Vinham, possìvelmente, à sua lembrança, as figuras de Cavour, Washington, José Bonifácio, Bolívar, e certamente a sua própria experiência, que o provou ser incapaz de se curvar perante "os trapeiros da detratação".

E a Plínio Salgado coube, na presente conjuntura em que se acha o Brasil, procurando um destino melhor, ser o pára-raios dos jupiteres troantes de uma democracia que se caracteriza pela irresponsabilidade dos seus defensores, e cuja apologética se estriba no desvirtuamento de idéias e num "contínuo autem genuit *de degradações, criadas pela aliança entre o ódio político e a canceração da consciência pública"...*

Êste volume tem valor como brado de protesto contra os Aretinos de nossa época. Arrolamos muitas citações. São elas a base de nosso trabalho, em cujas páginas esperamos encontrem os leitores a sinceridade de que está êle revestido. É o que desejamos.

I

"Assim como a religião requer o batismo dágua, e a guerra, o do fogo, assim a política exige o batismo do ódio. Aquêle que não o tiver recebido não pode aspirar ao triunfo. Os insultadores empurram, sem o saber, encosta acima, o carro que os entusiastas, sem auxílio, não poderiam arrastar".

Joaquim Nabuco, Pensamentos Soltos, **trad. de Carolina Nabuco, Cia. Editôra Nacional, 1937.**

Há ataques que demonstram a altitude intelectual e moral dos opositores de idéias. Mas há os já viciados, que se revestem sempre de uma só roupagem, e cujas investidas, cheias de insinceridade, constituem apenas diatribes lançadas com ódio no coração. Não traduzindo posições assumidas dentro de um critério honesto, nada mais revelam senão auto-confissões de interêsses prejudicados.

Pio XII, falando de certa feita aos homens da Ação Católica Italiana, exortava-os a que imprimissem em suas almas de lutadores os seguintes princípios: "Sêde largos de coração. Onde quer que encontreis, para com a causa de Cristo e da Igreja, sincera boa vontade, operosidade, inteligência, destreza, seja dentro de vossas fileiras, seja fora da Ação Católica, mesmo que se apresentem com novas, porém sans, formas de apostolado, alegrai-vos e não as impeçais, mas antes mantende-lhes boa amizade e ajudai-as sempre que o vosso apoio fôr possível, desejado ou esperado. As necessidades a que a Igreja deve prover na hora presente são tão numerosas e urgentes, que é bemvinda tôda a mão que oferece uma generosa cooperação" (in VOZES DE PETRÓPOLIS, vol. 5, nova série, pág. 818).

Mas a voz do Supremo Pontífice da Cristandade nem sempre é ouvida e praticada; isto se observa, principalmente, entre os que se arvoram em defensores de princípios sadios, mas que relegam aos condutos auditivos o que deveria criar, no coração e no cérebro, poderosas unidades de resistência contra o materialismo da sociedade moderna... Esta a razão de verdadeiros defensores do pensamento cristão, em tôda sua pureza e consistência, serem atingidos por êsses pseudos guias, — ouvintes mas não praticantes — que usam, como arma de ataque, a insinceridade, o ódio, a calúnia.

A experiência quotidiana, entretanto, e as lutas constantes, daqueles cuja sinceridade e lealdade aos seus princípios são demonstradas através de uma vida e obra irrefutáveis, lhes proporcionam fortaleza de espírito suficiente, que não falta jamais nos momentos de resistência às injunções dos combates desleais, sejam êstes encetados pelos que se afirmam na defesa do Êrro, sejam pelos que se proclamam paladinos da Verdade.

É o caso de Plínio Salgado, no cenário público brasileiro. Ao retornar de seu exílio, o autor de **A Tua Cruz! Senhor,** foi forçado a terçar armas em três frentes: 1) dos seus inimigos ideológicos doutrinários, isto é, os adeptos do comunismo; 2) dos liberais democratas; 3) daqueles que, embora irmãos na Fé, ergueram, contra o seu pensamento e sua pessoa, a barreira do ódio gratúito, ostensivo

e sempre progressivo. Esta última categoria de combate relembraria a Plínio Salgado a encetada por Santo Tomás contra a corrente agustiniana, que pontificava em Paris no ano de 1269, quando o Mestre Aquinense teve de enfrentar, também, essa categoria de adversários, ou seja, dos irmãos na Fé. Não obstante, enquanto a luta se processava, Santo Tomás preparava e lançava a Summa Teológica... Tal como Plínio Salgado, incansável no seu apostolado, construindo o seu grande sonho.

Realmente, é dura a luta contra irmãos que comungam os mesmos ideais. Tudo aí é mais doloroso, mais chocante, mais perturbador. A alma do que usa as armas da sinceridade, da boa intenção, da entrega total à causa que serve, e se vê traído, ou combatido pelo irmão, só não sucumbe totalmente porque deposita a sua fé no último julgamento. E porque acredita, sempre e sempre, que outras almas compreendem e diferenciam a pureza das intenções de um e a má fé do outro, que calunia friamente, ou sabota, também friamente, na contumácia dos que sabem agir com empenho de esmagar o próximo para a realização de suas ambições.

Não é fácil defrontar homens que afirmam crer no mesmo Deus que afirmamos. Principalmente por não utilisarem êles as armas que o próprio Deus lhes propicia quando a defesa se faz indispensável. Tal luta nos magôa o espírito, pois, no seu

desenrolar, encontramos oponentes que se ajoelham frente a Ministros de Deus, de suas mãos recebendo até o Cristo na Hóstia Santa...

*
* *

O movimento de denegrição em tôrno de Plínio Salgado conta diversos líderes, sub-líderes e também com a escumalha dos que apenas papagueiam, mas não raciocinam.

Não temos o direito, nem nos arvoramos a tal, de duvidar da crença de quem quer que seja. Não questionamos em tôrno da Fé que proclamam, nos rastros da calúnia infamante, homens dessa estirpe. O encontro de todos que combatem o mesmo combate, por Deus, "através do próximo", e pela Casa de Deus, "através de sua própria casa", sòmente a Deus pertence analisar. Cabe-nos a nós, porém, o direito de não aceitar o seu magistério, magistério de difamação, tão encontradiço nos anais da história profana, mas não nos capítulos da História onde resplandece o Espírito Santo.

Há homens que, ovelhas desgarradas, retornaram à Igreja, modificando, antes de tudo o mais, o espírito e as ações. Mas há os que não souberam ensarilhar as armas com que lutavam **dentro** do mundo e **para** o mundo. Transportaram consigo os instrumentos que a luta **dentro do mundo** e **para**

Deus não permite sejam utilisados, tais como o **ódio às pessoas**, a **insinceridade**, a **má-fé**, a **impureza de coração**. Não queremos discutir os princípios teóricos que afirmam possuir. Repetimos, isto é da alçada e da competência exclusiva de Deus. A nossa revolta é contra a insidiosa e torpe atividade que praticam, afirmando estar na trincheira dos que pugnam pela Renovação do Mundo.

Plínio Salgado dá testemunho de sua luta e de sua reta intenção no combate pelo Cristo, através das vozes de diversos dos mais dignos magistrados da Igreja, e, principalmente, através de sua atividade religiosa, política e social, entrosada num pensamento, hoje como ontem afirmado com o mesmo destemor, — porque traduz os princípios que a patina do tempo não consegue encobrir, eternos e sagrados que são (2).

Intolerância para com pessoas, egoísmo, mentiras, deshonestidade intelectual, não fazem parte da catequese cristã. E que outras armas são utilizadas contra Plínio Salgado, senão estas?

O período da História que estamos vivendo registrará os labeus de todos os achincalhadores do

(2) — Pio XII, *Discurso aos filósofos católicos*, in Revista Portuguesa de Filosofia, 1947, tomo III, fasc. 1: "Que seja coisa sagrada para os jovens tudo o que tem aspecto humano; sagrada a família, sagrado todo o povo e nação, como é sagrado o seu próprio povo e a sua própria pátria; que fiquem as suas mentes fixas em Deus, Pai comum de todos, onde a Filosofia encontra a sua meta sublime e a sua mais alta justificação".

autor de **A vida de Jesus**. Inclusive dos que não se pejam de revestir a calúnia com a sotaina do sacerdote.

*
* *

Tomemos uma afirmação que exprima, de modo claro, o que ainda se proclama, erradamente, em tôrno de Plínio Salgado, de sua vida e atividade intelectual, nos mais variados campos. Êste pensamento escolhido abrange tôdas as principais gamas do labor pliniano, partindo do político até o religioso. É êle da autoria de Alceu de Amoroso Lima. Ei-lo: "À extrema direita está o Integralismo, fundado pelo sr. Plínio Salgado em 1932, representando naquele momento, em seus fundadores, o prestígio vitorioso do Fascismo, e, para alguns espectadores ingênuos (...) a ilusão errada de que traduzia a expressão política brasileira da doutrina social cristã" (in **Diário de Notícias**, 6-8-1950).

A êste trecho nos atenhamos, tomando-o como ponto central de nossas observações. É êle uma síntese perfeita de tôdas as acusações infundadas que são atiradas, ainda hoje, às costas de Plínio Salgado.

Façamos-nos exegetas de uma afirmação falsa, pois que, para muitos, ela se reveste de verdade, como se verdadeiro fôsse o que ali se proclama.

*
* *

Retrocedamos até a época a que se refere Alceu de Amoroso Lima: 1932.

É êste o momento em que o Fascismo, já com dez anos de vida, se encontra cercado de tôdas as boas graças dos homens que nêle vislumbravam uma ordem nova, esteiada em novas bases, antepondo-se terminantemente ao mundo falido da liberal democracia, e constituindo, ao mesmo tempo, a fortaleza que suportava o embate furioso das ondas soviéticas.

Sua repercussão, no Brasil, já se fizera sentir. O brado angustioso de Felício dos Santos, indagando, com a vibração que lhe era peculiar, "quando teríamos no Brasil um Mussolini", ecoara e se diluira no seio do catolicismo brasileiro.

J. Pandiá Calógeras, estudando o fenômeno italiano com a honestidade que sempre timbrou em demonstrar, no decurso de tôdas as suas atividades, não só políticas como intelectuais, afirmava: "Se, em política, se pode falar do milagre latino, é êsse, certamente, a criação da Itália moderna, forte materialmente, irradiante de inteligência e de vida, com a fronte coroada de louros, que soube e sabe mais uma vez tornar virentes". Reconhecia que "o Fascismo nascente e já vitorioso, não foi motim nem rebeldia. Foi uma revolução, saída do

sofrimento e dos anseios nacionais de desiludidos, movida por inúmeras vítimas da política partidária da Itália, antes e durante a luta". E constatava que o Fascismo "era a solução nacional forçada, pelo momento, do problema do govêrno, ante um parlamentarismo, desprestigiado, sem fôrças, esgotado, incapaz e morto. Tinha de vencer" (3).

Leonel Franca, o insigne pensador, cuja morte deixou o mais profundo vazio na inteligência brasileira, reconhecia em Mussolini "o estadista incontestàvelmente genial", apesar de suas deficiências e erros. O que acontecia na Itália, quando dirigida pelo Duce, era "uma revolução de almas", que pacificara a terra de Dante e que fizera marchar na vanguarda das nações latinas, integrada plenamente nas suas tradições religiosas (4).

Hamilton Nogueira, biólogo respeitável, para admiração de Manoel Lubambo e de todos os católicos, chegara a afirmar, em 1934, que êstes viam, no hitlerismo, "uma esperança como meio humano na restauração da civilização do ocidente" (5).

---

(3) — João Pandiá Calógeras, *Res Nostra*, S. Paulo, 1930, págs. 121-136.

(4) — Leonel Franca S.J., *Ensino Religioso e Ensino Leigo*, Schmidt ed., Rio, 1931, pgs. 124-126.

(5) — O artigo de Hamilton Nogueira, citado por Manoel Lubambo, foi publicado no *O Estado*, cuja data não é indicada pelo tradicionalista pernambucano. Veja-se artigo de Manoel Lubambo, *Hitler e a civilização ocidental*, in TRADIÇÃO, n.º 55, Março de 1946.

Alceu Amoroso Lima, por seu lado, não recusou a Mussolini o qualificativo de "genial" (6), afirmando ao mesmo tempo: "No próprio ocidente, se vemos uma nacionalidade como a Itália, emergir de uma vida medíocre, secundária, para uma posição primordial e vitoriosa, é que os seus chefes voltaram à consciência profunda da nação pelos grandes princípios formadores de sua grandeza" (7). Passados oito anos, em 1943, a refrega sangrenta chegando ao seu apogeu, no livro **Mitos do Nosso Tempo**, proclamava ainda: "A ordem social fascista tem trazido para repor nos homens o sentido da disciplina e da tradição". E a despeito de tôdas as ressalvas ao movimento italiano, reconhecia que Mussolini trazia um elemento novo à sociedade, iniciava, de fato, uma nova era social. Contra o liberalismo e o comunismo, a terceira solução que se impunha era o fascismo, "que era a união aparentemente híbrida entre os "valores" sadios da velha ordem — a pátria, a família, a religião, a cultura clássica, a propriedade justa, etc.— e os métodos fortes da nova ordem — a autoridade centralisada, a hierarquia, a exaltação do poder militar e das classes proletárias". Era o Fascismo, "sem dúvida, uma idéia original", e se fracassou foi devido ao cabotinismo de seu criador, à lógica de algumas de

(6) — Tristão de Atahyde, *Problemas da burguesia*, Schmidt ed., Rio, 1932, pg. 161.

(7) — Tristão de Atahyde, *Política*, ed. Getúlio Costa, 3.ª ed., 1939, pg. 13.

suas idéias, e aos crimes de sua política internacional imperialista, porque "não era a reação de Mussolini que estava errada" (8).

*
* *

E quanto ao Integralismo, que surgira com formidável capacidade de polarização, o que dizia Alceu Amoroso Lima? Escutando aquela clarinada de puro nacionalismo, que se derramava pelas quebradas de todo o Brasil, com uma sinceridade e lastreamento irrefutáveis, e que conseguia atrair — pelas suas idéias e pelo que objetivava para o Brasil —, a formidável plêiade de homens, cujos nomes se projetavam em todos os campos da atividade e do saber, tais como Tasso da Silveira, Belisário Pena, Gustavo Barroso, Conde Affonso Celso, Ma-

(8) — Alceu Amoroso Lima, *Mitos do nosso tempo*, Liv. José Olympio, Rio, 1943, pgs. 114-115. Nesta época já não mais existia a Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado se encontrava no exílio e os integralistas sofriam a perseguição inclemente dos proprietários do Estado Novo. Entrementes, prisioneiros e perseguidos os adeptos de Plínio Salgado, tecia Alceu Amoroso Lima os seguintes prognósticos sôbre o Fascismo: "Dia virá em que a posteridade o faça com mais serenidade (ajuizamento) do que hoje. Hoje o que vemos é, de um lado, a exaltação dos seus partidários, confundindo-o com o totalitarismo e abraçando a ambos na mesma aceitação incondicional e cega. De outro, é a negação dos seus adversários, desconhecendo também tôda diferenciação histórica e englobando a todos na mesma condenação. Tudo isso é bem representativo da atmosféra passional e não racional que respiramos".

deira de Freitas, Luiz da Câmara Cascudo, Rocha Vaz, Oliveira Vianna, Maurício Joppert, Djalma Cavalcanti, Renato da Rocha Miranda, Jayme Pinheiro, Rodolpho Josetti, Augusto Frederico Schmidt, Alberto Lamego, Prado Valadares, Antonio Galotti, Lúcio José dos Santos, Herbert Parentes Fortes, Helder Câmara, Manuel Ferreira, Eurípedes Cardoso de Menezes, Ponciano dos Santos, e outros mais jovens, como Miguel Reale, Américo Jacobina Lacombe, José Lins do Rego, Álvaro Lins, Roland Corbisier, Inácio da Silva Telles, Adonias F.º, Guerreiro Ramos, Paulo Edmur de Souza, Rômulo de Almeida, Goffredo da Silva Telles, Alberto Cotrim Netto, Almeida Salas, Ângelo Simões de Arruda, Rubens Nogueira, Rui de Arruda, Fernando de Oliveira Motta, Oldegar Vieira, Augusto Duque, José Loureiro Jr., e outros cujas figuras avultam no pensamento nacional, e que tiveram, os mais moços, no Movimento Integralista, como que o ambiente propício ao desabrochar de suas inteligências vivas e cheias de ânsias por algo de novo, sério e profundo, que viesse transformar a vida brasileira num campo favorável à criação de uma verdadeira civilização cristã, dotada de uma cultura onde se sentisse o pulsar da terra virgem e cabôcla aliada à tradição irrecusável que nos chegava dos horizontes europeus, — escutando esta formidável clarinada, o que disse Alceu de Amoroso Lima sôbre o Movimento Integralista?

De tôda a sua imensa e inesgotável produção, **Indicações Políticas** (9) é a obra que mais diz respeito aos que aceitaram o pensamento exarado no Manifesto de Outubro de 1932. Aí encontramos um estudo intitulado "Catolicismo e Integralismo", o qual, naquela época, quando lido com sinceridade e boa fé, tornava o leitor mais católico e mais integralista, — influência esta que até hoje se nota em quem a sofre — pois as considerações de seu autor podiam ser recebidas com o acatamento a que faz jús todo o produto da inteligência serena e desprovida de despeito ou de ódio pessoal.

Nessa época, Alceu Amoroso Lima considerava Jackson de Figueiredo como o homem que, devido à sua capacidade de luta e afirmação, previra o advento do Integralismo, e defendia o pensamento de Plínio Salgado, então sòmente condenado por aqueles que confundiam, consciente ou inconscientemente, "liberalismo com liberdade, democratismo com justiça social, pacifismo com amor de paz", reconhecendo no tema Integralismo algo tão grave, "que não admitia reticências ou subentendidos", — confessando: "não procurei esconder nada do meu pensamento", e proclamando ainda: "tenho pelo movimento integralista a mais viva simpatia, como tenho pelo fascismo e por tôda essa moderna

(9) — Alceu Amoroso Lima, *Indicações Políticas*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936, pgs. 187-220.

reação das direitas, que mostraram a não inevitabilidade do socialismo".

Tempos maravilhosos, inegàvelmente, onde se percebia a "necessidade de estabelecer as condições de participação", que pareciam, a Alceu Amoroso Lima, imprescindíveis, "para que a cooperação necessária" não se transformasse numa "confusão perigosa"!

Belos tempos, que a nossa juventude soterrou com os anos da maioridade, e que, hoje, em certos momentos, ainda tenta desenterrar das cinzas que o encobrem... Não havia simulação de pensamento, quando Alceu Amoroso Lima a todos fazia vibrar, ponderando liminarmente: "Se o Integralismo é realmente, como parece, um movimento político sadio de defesa dos direitos de Deus, da Pátria e da Família, — então só pode desejar que os católicos do seu movimento não sejam apenas católicos nominais ou católicos naturalistas, e sim homens que, em tudo, defendem a supremacia do sobrenatural e da revelação, sôbre a natureza e a razão. E nesse caso, deve querer a supremacia da consciência católica, que é o todo sôbre a consciência política, que é uma parte". Em que ficava diminuida a consciência do católico e do integralista, dando crédito às palavras do inconfundível crítico literário? Como discordar destas palavras, que traduziam o pensar dos que, realmente, raciocinavam pelo prisma da Verdade?

O Integralismo, no dizer de Alceu Amoroso Lima, significava, para a Pátria Brasileira, "a mais sólida garantia de uma fidelidade às mais puras tradições nacionais", — e representava também a restauração do sentido frouxo da Autoridade; à Unidade Nacional, concedia o posto básico que lhe compete em tôda a Sociologia política do Brasil, defendendo as bases morais e jurídicas da família brasileira: "Todos pontos de um programa excelente", nas palavras do autor de **No limiar de uma Idade Nova** (10).

As **Indicações Políticas** eram as "modestas mas honestas reflexões" de seu autor, entregues à "prudência" dos amigos e à "crítica" dos adversários...

(10) — Guerreiro Ramos, cuja obra sociológica vem trazendo uma colaboração cheia de originalidade na interpretação das coisas brasileiras, em um dos seus últimos trabalhos, *O Processo da Sociologia no Brasil*, afirma ser "inquestionável a influência de Alberto Tôrres no movimento modernista e na Ação Integralista Brasileira", tendo, em página anterior, tecido a seguinte consideração em tôrno ao grande sociólogo fluminense: "Alberto Tôrres é o fundador da corrente mais autêntica da sociologia em nosso meio". Daí nos ser permitido a conclusão de que o Integralismo, não só apresentava um programa excelente, como proclamava Alceu Amoroso Lima, mas significava, também, a realização mais autêntica do pensamento sociológico e político brasileiro.

E depois do esfôrço integralista, notou Hélio Jaguaribe (*Idéias para a filosofia no Brasil*, in ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE FILOSOFIA), seguiu-se o silêncio dos políticos, "incapazes de emprestar um sentido geral e històricamente atualizado a suas aspirações de poder"...

*
* *

Agora leitor amigo, voltemos à página onde se acha o pensamento que está dando lugar a tôda esta série de considerações. Baseados nestas considerações, podemos tirar algumas conclusões, que devem ser situadas devidamente no tempo, ou seja, entre 1932 e 1943:

a) Mussolini e o Fascismo eram reconhecidos como benfeitores de uma humanidade que se achava à beira do caos, e que, na nova política germinada em solo italiano, ali encontrava uma tábua de salvação;

b) apesar de todos os reparos quanto aos erros inherentes ou visíveis, a solução fascista era considerada viável.

Quanto ao Integralismo, naquela época, e fundamentados em Alceu Amoroso Lima, deduzimos:

a) era, o Movimento iniciado por Plínio Salgado, considerado em posição distinta do Fascismo e do Nazismo;

b) Alceu Amoroso Lima confessava a sua admiração expressa pelo Fascismo e pelo Integralismo, naquele momento em que, de fato, "o prestígio vitorioso do fascismo" a muitos arrancava aplausos;

c) Alceu Amoroso Lima considerava o programa integralista inspirado no mesmo espírito

que levou o Fascismo a formar-se na Itália, o hitlerismo na Alemanha, o Estado Novo em Portugal, a Ação Popular de Gil Robles na Espanha: "todos são movimentos de reação contra a passagem lógica e histórica do liberalismo ao socialismo e dêste ao comunismo", frase esta que denotava uma certa confusão sociológica e doutrinária, além de constituir uma simples integração nas exterioridades dos fenômenos que caracterisaram aquêle momento histórico vivido pelo mundo ocidental, porque o Fascismo e o Nazismo eram Socialismo do mais puro, de espírito essencialmente marxista, não podendo, por conseguinte, ser igual ao Integralismo, que sempre combateu e foi combatido pelo Socialismo;

d) paralelamente à sua admiração pelo Fascismo e pelo Integralismo ("Tenho pelo movimento integralista a mais viva simpatia, como tenho pelo fascismo"), Alceu Amoroso Lima explicava, de maneira bastante clara, o pensamento da Igreja a respeito dos problemas sociais.

*
* *

Mas, quais os motivos fundamentais, para, nesse momento decisivo da História, tão grande esperança no advento do Fascismo?

Havia, de fato, razões de importância indiscutível para Mussolini ser reconhecido como um dos grandes gênios políticos do ocidente cristão. Tendo êle compreendido que "a universalidade do Papa, herdeiro da universalidade do império romano", representava "a maior glória da história e das tradições italianas", enquanto não solucionou a Questão Romana, não descansou, pois teve, explicam-nos Saba e Castiglioni (11), "uma clara visão da capital importância do problema religioso, e se convenceu de que na Itália não havia solução possível que não fôsse no sentido católico".

Os Pactos de Latrão não tardaram a ser firmados: o tratado político, a convenção financeira e a concordata, que regulavam as ações recíprocas entre a Igreja e o Estado Italiano, definindo ao mesmo tempo as competências em matérias mixtas.

Mussolini, no seu relato à Câmara dos Deputados, dizia que os Tratados de Latrão abriam "uma nova era na história da Igreja e da Itália", era que seria "fecunda em benefícios para a elevação moral do povo italiano, fundamento e pressuposto necessário de sua grandeza". Pio XI, por seu lado, afirmava: "Era mistér, além disso, um homem como o que a Providência nos fêz deparar, um homem livre das preocupações da escola liberal, para cujos discípulos tôdas as leis, tôdas as ordenações,

(11) — Saba e Castiglioni, *Historia de los Papas*, ed. Labor S.A., 1948, tomo II, pgs. 643 e segs.

eram fetiches, e como tais, tanto mais intangíveis e venerandos quanto mais feios e disformes. E com a graça de Deus, com muita paciência, com muito trabalho, com o apoio de muitos e nobres auxílios, conseguimos chegar **permedium profundum** à conclusão de uma concordata que, se não é o melhor de quantos possam ser, é certamente uma das melhores. Com profunda complacência, pois, acreditamos com ela ter devolvido Deus à Itália e a Itália a Deus" (12).

Não foi sòmente a Itália que sentiu vibrar em si o sentimento religioso, inherente ao seu povo. Todo o orbe exultou com a resolução a que haviam chegado o Santo Pontífice e Benito Mussolini. Perilo Gomes confirmou esta alegria no Brasil, afirmando: "A Itália tem assim a estrada livre para realizar as justas ambições de seus estadistas. A Igreja, dêste modo, reconquistou todos os seus foros de imunidade, o que equivale a dizer todos os requisitos de que foi dotada pelo Divino Mestre para o exercício da sua missão apostólica" (13).

Um outro fato, que favoreceu enormemente o respeito e a admiração do mundo católico para com Mussolini e sua atividade, foi a questão do ensino religioso. A legislação escolar fascista tornou obrigatória a educação religiosa, o que daria lugar

(12) — id., ib.

(13) — Perilo Gomes, *O Liberalismo*, 1943, Barcelona, pág. 147.

ao contentamento de homens da categoria de um Leonel Franca ou de um Felício dos Santos (14).

O que proclamava Mussolini, antes de definir o Estado Fascista na Enciclopédia Italiana? Eis algumas de suas afirmações: "Tenho visto o espírito religioso vicejar novamente, as igrejas, mais uma vez repletas, os ministros de Deus respeitados. O Fascismo havia cumprido e está cumprindo o seu dever". "Hoje, com a maior lealdade, o Fascismo compreende e valoriza a Igreja e a sua fôrça: êste é o dever de todo cidadão católico". "A fé, na Itália, está fortalecida. O Fascismo impulsionou e tornou vigorosa a religião do país" (15).

*
* *

Tudo isso, entretanto, eram realizações de um homem possuidor de verdadeira visão aquilina. Não constituiam produto da ação de um Estado fundamentado em doutrina filosófica própria. Existia Mussolini, mas o Estado Fascista ainda se achava no estágio lavrar. Não fôra definido, como posteriormente o seria na sacada do Scala de Milão. O estado italiano, de então, nada mais era que uma

(14) — Felício dos Santos, IN MEMORIAN, ed. d'A UNIÃO, 1932, pág. 73.

(15) — Benito Mussolini, *Minha Autobiografia*, capítulo *O Estado Fascista e o Futuro*, in *The Making of Society*, coletânea sociológica editada por V.F. Calverton, The Modern Library, New York, 1937, págs. 458-484.

instituição burocrática, dirigido por um homem de gênio, e que punha em prática a moral pregada pela Igreja nos vários setores da vida social (16).

Mas o correr do tempo demonstrou a verdadeira fisionomia do pensamento de Mussolini, que, aos poucos, ia apresentando os seus lineamentos decisivos. Veio a célebre definição: "Tudo dentro do Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado". E com os seus doutrinadores, Rocco à frente, Mussolini proclama o advento do Estado pagão e totalitário, princípio e fim de tôdas as coisas, destruindo, assim, completamente, o início de sua obra, que tão sólida se apresentava. No rastro, a superação dos direitos naturais, a inversão dos valores: tudo devia ser monopolizado pelo Estado Fascista, para quem o Homem não era uma criatura de Deus, e sim um instrumento da máquina estatal, com deveres sociais, desligado de qualquer contacto com o sobrenatural.

A resposta da Igreja Católica não se fez esperar. A encíclica **Non abianno bisogno** veio demonstrar que a vigilância dos sucessores de Pedro é incansável e ininterrupta. Enquanto reconhecia e in-

(16) — A doutrina fascista se foi delineando aos poucos, a sua elite cultural sendo constituida mais de comentadores dos "fatos" do que de teorizadores do Estado, explicava Plínio Salgado, que dizia ainda: "Todos os grupos colaboraram: os idealistas de Gentile, os ultra-idealistas de Tilgher, os nietzscheanos de D'Annunzio, o espírito revolucionário de Corradini, o futurismo de Marinetti, o superior senso jurídico de Roco" (*Páginas de Combate*, pág. 179).

centivava os serviços históricos do Fascismo, como incentiva a ação que vise o bem do povo, venha de um estado democrático ou aristocrático ou monárquico, — contanto que não retire a liberdade legítima dos homens e os direitos a todos concedidos por Deus —, ao mesmo tempo a Igreja se erguia perante os êrros doutrinários expostos por Mussolini, êrros que iriam alimentar as chamas da imensa fogueira que há alguns anos clareou a Europa, quando as filosofias materialistas foram iluminadas com os mais féericos clarões das grandes armas de guerra.

II

"O Tietê tombou de chôfre, com ribombo e estilhas. Catadupas de ouro líquido. Piscina larga de muros a pique. E os papagaios de Carmine gritavam, roucos:

Giovenezza, giovenezza,
primavera di belezza!

Uma grande arara gargalhou gostosa no alto de um ipê. Juvêncio, de pé, sôbre uma rocha, exclamou:

— Quem ri desta cachoeira?

. . . . . .

Agarrou, então, os papagaios — "giovenezza! giovenezza!" — e, um por um, os foi estrangulando, atirando-os na onda brava da catadupa.

— Indignos todos os sêres que falam como os papagaios, sem por nas palavras a fôrça e o calor da Terra! Indignos todos os homens que falam com os lábios e acabam transformando-se na insensibilidade dos fonógrafos!"

(Plínio Salgado, O Extrangeiro, José Olympio, 1926).

Ao tempo em que J. Pandiá Calógeras, Leonel Franca, Oliveira Vianna, Alceu Amoroso Lima e outras figuras, de idêntico ou menor relêvo intelectual, reconheciam, no Fascismo e em Mussolini, valores novos que se impunham contra a revolução anárquico-liberal, — germinada no seio da maçonaria, difundida pelo enciclopedismo, e que eclodiria furiosamente em 1789 —, já Plínio Salgado, como sociólogo e político de visão profunda, tomava o seu lugar, isoladamente, frente à contrafacção que se estava criando às margens do Mediterrâneo.

Vinha Plínio Salgado da revolução modernista, que, nos princípios do segundo decênio desta nossa centúria, radicais transformações implantou na feição literária brasileira, atingindo-a de modo fundamental no seu próprio ser. E foi dentro dêste espírito, renovador e inovador, que surgiu o Manifesto Integralista, elaborado em Junho de 1932 e que, devido à Revolução Constitucionalista, só foi lançado em Outubro do mesmo ano, razão pela qual é conhecido como Manifesto de Outubro. Era êste documento, pois, consequência direta de uma intensiva revolução intelectual, motivo porque Lêdo Ivo, afirma ser, o Integralismo, no Brasil, a

"única filosofia política diretamente ligada ao modernismo" (1).

Surgindo após a **Non Abiano Bisogno**, não poderia o Manifesto de Outubro ser um traslado dos ensinamentos materialistas que estavam dominando na Europa. Através de seu contexto, Plínio Salgado fazia o Homem retornar às suas fontes perenes, situando-o na sociedade e no cosmos, de modo inigualável. Revolucionou o conceito do Estado. Fixou, em suma, "uma posição contrà o humano" (2).

O Estado Fascista, diz Plínio Salgado numa de suas principais obras, "deixa claramente entrever

---

(1) — Ledo Ivo, *Lição de Mário de Andrade*, Cadernos de Cultura, Ministério de Educação, pág. 18.

(2) — Id., ib.: "uma posição contra o humano", ou seja, afirmar uma concepção que repudia tudo o que, criado pelo Homem, nega o próprio Homem; pois a verdade é que nem tudo o que é humano, isto é, elaborado pelo Homem, permite-lhe manter-se como ser livre e dono de seus destinos eternos. Todos os séculos nos apresentam momentos em que predomina a negação do Homem, mas o século XX a todos ultrapassou, com o nazismo, o fascismo, o comunismo — e tôdas as contrafacções sul-americanas de "um fenômeno europeu" (cf. acentúa Gerhard Ritter, em seu estudo sôbre *"Democratie directe et Totalitarisme"*, publicado em *Diógenes*, n.º 17 (1954), e traduzido em A MARCHA), como o Estado Novo, no Brasil — criações do Homem negando a si próprio — pois que lhe tiraram e tiram o poder de criação, extirparam e extirpam a sua liberdade, extinguiram e extinguem os seus direitos e deveres, anulam os grupos naturais de que faz parte, etc... Em suma, o Homem tem criado coisas que sufocam a si próprio. E o Integralismo, de Plínio Salgado, foi uma tomada de posição contra o humano.

as linhas de sua filiação histórica. Êle transporta o Passado para o primeiro plano, para o Presente, fundindo duas épocas históricas e atualizando-as: o espírito do Estado Romano e o mecanismo do Estado Medieval" (3). O Fascismo era uma **fôrça cultural**, onde se encontravam Nietzsche, Carducci, d'Annunzio, e sobretudo Marinetti, num tremendo ecletismo, além de ser um **instrumento do nacionalismo italiano**, "não apenas no senso político-geográfico da compreensão da Itália-Unida, atualizando, cada vez mais, o sonho de Cavour, de Garibaldi, de Victor Emanuelle e principalmente de Mazzini, mestre supremo da Itália Nova". A proclamação de nacionalismo, predominante no Manifesto de Marinette, era uma "proclamação violenta", pois era de um nacionalismo que ia "às raias do jacobinismo", e que se apresentava "com um sintoma de terrível crise mundial", em que parecia "não haver remédios possíveis para se alcançar uma perfeita colaboração entre os povos".

O descrédito da liberal democracia era absoluto, e a sua decadência, até hoje, apenas tem sido comprovadamente mantida. Êste ponto de vista era unânime como até o presente momento ainda o é, no pensamento da grande maioria dos pensadores cristãos ou materialistas. O Nacionalismo se apresentava, naquele instante — como ainda hoje —,

(3) — *O Sofrimento Universal*, Liv. José Olympio, 2.ª ed., 1934, págs. 117-118.

à semelhança de uma tábua de salvação, para os paises onde a democracia — vinda do século passado com a doença do liberalismo minando terrìvelmente o seu organismo —, delapidara as energias acumuladas ciosamente pelos séculos e pelo trabalho das grandes figuras nacionais. Avultava o cosmopolitismo, a influência extrangeira dominando com mão de ferro, a crise mundial atingindo tôdas as perspectivas e se abatendo principalmente sôbre as nações de estrutura econômica mais frágil. E, acima de tudo, corvejando, os vultos tenebrosos dos internacionalismos do capital e do trabalho, que "roiam as nacionalidades como cancro".

O sonho de Plínio Salgado, dentro de tôda esta confusão, era o de uma verdadeira comunidade internacional de Pátrias, onde houvesse "sincera e leal colaboração entre os povos", e cuja primeira etapa teria de ser, forçosamente, o Nacionalismo: "Trancar-se cada nação em si mesma, afim de restaurar a autoridade de seus govêrnos, pela independência econômica e afirmação do espírito nacional. O mundo terá de atravessar essa fase. Só depois será possível cogitar-se de um internacionalismo que não é o de Marx (porque esta é uma doutrina do século XIX), mas um novo internacionalismo de valores éticos e globais de Pátrias organizadas. Pois êsse será o internacionalismo fatal dos fins do século XX".

E concluia o capítulo com a seguinte ponderação: "Por agora, povo jovem, prestemos nós, brasileiros, muita atenção ao exemplo que nos oferecem os povos antigos. Temos de criar o nosso nacionalismo".

Mas onde buscar o exemplo para o Brasil? Fora de suas fronteiras, distanciado de suas tradições e de seus costumes, alheiado de seu espírito latino, e, mais particularmente lusíada e ibérico? Não havia tempo a perder, pois chegara o "instante de iniciar uma nova etapa. A etapa do nacionalismo", preliminar de um "futuro internacionalismo ético, de superior finalidade moral e espiritual".

Cada Nação operava um recuo estratégico, "para dar no futuro um bote definitivo contra a potência Super-nacional, sem Pátria, sem Deus, sem piedade dos homens". O Brasil, como as outras Pátrias, só tinha um caminho: "assumir uma atitude de franco nacionalismo": "tratar de ser o que sômos. Com as nossas possibilidades, nosso caráter, com a consciência de nossas necessidades".

A Itália Fascista e a Rússia Moscovita, em 1932, eram os paradígmas da época (Hitler só em 1933 subiria ao poder). A Itália e a Rússia eram exemplos semelhantes, ambos tendo a mesma significação, notava Plínio Salgado (4). Numa se rea-

(4) — *O Sofrimento Universal*, Liv. José Olympio, 2.ª ed., 1934, pág. 192. E na *Quarta Humanidade*, Liv. José Olympio, 1934, pág. 115: "Eu incluo como últimos episódios de um período que se extingue a revolução russa e tôdas as revoluções fascistas".

lizava a doutrinação de Marx, com todos os enxertos de Lenine e dos demais teóricos da revolução soviética. Noutra se constituia uma nova tragédia materialista que envolveria as nações sem resquício algum de piedade.

Importar idéias? O critério de Plínio Salgado estabelecia que "devemos tomar as que tiverem caráter de universalidade, as que encerrarem verdades essenciais e normas de ações inherentes a todo o gênero humano". Assim atuando, Plínio Salgado esclarecia o problema italiano, pois a Itália não resolveria o seu dilema histórico se não o submetesse ao grande problema universal. Sendo apenas nacional, o Fascismo não poderia subsistir, por lhe faltar o timbre da universalidade (5).

"Cortar as amarras. Afirmar princípios antagônicos aos consagrados pela civilização materia-

(5) — *O Sofrimento Universal*, ed. cit. pág. 131. Sòmente "quando visto como um fenômeno particularmente italiano, é que a essência do fascismo se delineia claramente. Em sua filosofia, origem, desenvolvimento, estrutura política, e nas aspirações culturais, o Fascismo é parte integral da matriz italiana", esclarece Erwin von Beckerath, in ENCYCLOPEADIA OF THE SOCIAL SCIENCES, ed. 1948, vol. VI, pág. 134. Outra opinião que ratifica o pensamento acima expresso: "O Fascismo só pode ser compreendido se observado como conseqüência de uma situação peculiar, por excelência, à Itália. Em sua estrutura política, na sua filosofia, na sua origem, no seu desenvolvimento, o Fascismo encontra o seu caminho numa situação italiana conseqüente da guerra e modificado pelo passado histórico da mesma Itália" (Gillin & Gillin, *An introduction to sociology*, The Macmillan Company, 1947, págs. 441-442).

lista do Ocidente. Proclamar a finalidade superior do Homem, subordinar a essa os lineamentos das instituições e do Estado. E subjugar à disciplina moral do Estado o desvario de uma sociedade sem objetivos". Assim era necessário proceder: "em política estamos presos ao que temos de essencial, de humano". Mas por outro lado, dentro das fronteiras de cada um, "estamos presos ao que temos de contingente, de nacional". Esta a razão pela qual uma Nação, "que possui uma doutrina política superior, resolve cada questão pelo critério dos supremos interêsses nacionais".

Eis, portanto, em que se resumia o anseio de Plínio Salgado, quando estabeleceu as bases, em 1932, do Integralismo Brasileiro: afirmação de princípios nacionais que confirmavam a universalidade inherente aos mesmos, intangibilidade do Homem e reconhecimento de sua dignidade, sentido ético de que deve se revestir a ação do Estado, proclamação da liberdade com responsabilidade, tudo porque estabeleceu como coluna mestra de seu pensamento a base substancial que o Fascismo e o Nazismo rejeitaram orgulhosamente, ou seja, a afirmação de que **Deus dirige os destinos dos povos.**

O Integralismo não foi cópia, nem teve modêlo, a não ser o ensinamento de Cristo e o drama da nacionalidade brasileira. Drama que já havia percutido no coração de um Jackson de Figueiredo, de um Farias Brito, de um Euclides da Cunha, Al-

berto Tôrres, Júlio Maria, Olavo Bilac, Gonçalves Dias, Castro Alves, Calógeras, Ruy e tantos outros. Por que negarmos, também, que êste drama feriu a alma de todos aqueles que denigrem o pensamento de Plínio Salgado, síntese viva de todos êsses visionários de uma Grande Nação, e em cujo espírito se processaria o desenlace supremo, originando uma torrente caudalosa de idealismo vivo e atuante, indomável e terrível, que avançou por todos os cerros e planícies de uma Pátria que esquecera os seus destinos gloriosos, descerrando horizontes e indicando novos rumos magnéticos, de cuja atração os homens jamais se poderão afastar, sob pena de se aniquilarem definitivamente?

*
* *

Êste é o desenrolar dos anos de 1932, 1933, 1934, 1935. Já a figura de Hitler sobressaia nos eventos históricos e a Cruz Gamada tremulava na velha Germânia, Rosemberg havia sido, já, posto no Index da Igreja Católica e no Index dos homens que não viam na raça o tabú de Chamberlain e Gobineau.

Enquanto isso, Plínio Salgado tornava claro: "No velho berço da latinidade, ergueu-se o **fascio,** como adição de **fôrças nacionais;** no Báltico, onde estão os remanescentes arianos, ergueu-se a **cruz**

suástica, expressão de um **sentimento racial** e símbolo de movimentos humanos; na estepe, a **bandeira vermelha** desfraldou-se com o velho espírito semita de **totalizações humanas, num sentido de materialismo**; aqui, no Brasil, o homem arguto, cheio dos instintos percuscientes que herdou de seus próximos avós selvagens, "o homem telúrico" de Keyserling, plasmado dentro dos puros **sentimentos espiritualistas e cristãos**, desfralda a **bandeira do Sigma.** Essa bandeira afirma a suprema síntese e desdobra-se num largo sentido humano e universal". E esclarecia terminantemente: "A Doutrina do Integralismo não vai buscar a sua inspiração no otimismo de Rousseau ou de Locke". Completava o seu pensamento: "Não vamos aos excessos pessimistas de Hobbes, imaginando o Leviatã, o Estado absorvente, anulador de tôdas as liberdades. Conservamo-nos na linha realista, crentes de que uma obra sistemática individual e de massas elevará a média das virtudes morais e cívicas do povo brasileiro, cuja estrutura íntima nos revela traços de superioridade incontestável. **Essa obra de educação é que nós chamamos a "revolução espiritual", e é em razão dela que nos distinguimos tanto do Fascismo como do Hitlerismo, imprimindo um sentido profundo ao nosso Movimento"** (6).

A penetração do pensamento de Plínio Salgado, cheio de intuição, e poderoso captador dos sinto-

(6) — *A Quarta Humanidade*, ed. cit., págs. 82-83.

mas característicos da tragédia contemporânea, lhe permitia afirmar: "Se a humanidade marchar segundo as linhas predominantes da hora que passa, seremos levados ao regime da violência, da ditadura, da tirania, do estatismo absorvente, seja da extrema esquerda seja da extrema direita" (7).

E é ainda em 1935 que, mergulhando no mais profundo do fenômeno histórico, definia Plínio: "Aquilo mesmo que aparece aos olhos de uma humanidade atonita, como uma reação aos cataclismos contemporâneos, traz, no fundo, a essência de uma das numerosas expressões do êrro que solapou os fundamentos cristãos da sociedade. É o caso da perigosa tendência pagã do Hitlerismo, que hoje se desenvolve na Alemanha e que deve impressionar, fundamente, a consciência espiritual dos povos (...) É a própria concepção do Estado Totalitário, no seu máximo exagêro, no estilo de César: Chefe Militar, Chefe Civil e Pontífice (...), mística racista, do paganismo que, em pleno século XX, arranca das cinzas do Passado, para atualizá-lo, o drama de Juliano, o Apóstata. Já não é a volta de Júpiter Olímpico, dos deuses meridionais; é, porém, a volta de Odim e dos deuses que, desde as músicas clamantes do Oiro do Reno, Wagner vê no alto da montanha".

(7) — *A Doutrina do Sigma*, ed. Verde-Amarelo, S. Paulo, 1935, págs. 15-16.

(8) — Plínio Salgado, prefácio in *Democracia Integralista*, de Jayme R. Pereira, Liv. José Olympio, 1935,

E inquiria, cheio de angústia, o autor de **O Estrangeiro**: "Chegará a Alemanha a essas loucuras? Não o sabemos. Apenas verificamos as conseqüências de um misticismo transportado do campo religioso, de onde nunca deveria sair, para o campo das atividades políticas; a concepção do Chefe como um homem diferente dos outros, um semi-deus, a encarnação de Odim, e a concepção dos seus adeptos como sêres inhumanos, super-religiosos, porém, sem um fundamento cristão de realidade e objetividade, ultrapassaram a linha hipócrita do velho puritanismo, atingiram o outro extremo, onde a exploração de todos os recalques acaba manifestando-se como negação da própria virtude que proclamam" (9).

Aos seus jovens discípulos, àqueles que, em Jaboticabal, no ano de 1934, o aguardavam afim de paraninfar a turma de bacharelandos, Plínio Salgado, em seu lugar, enviava uma mensagem, que intitulou **O Elogio da Ausência**, o mais tremendo capítulo da história político-social brasileira contra o messianismo, e onde proclamava: "Tenho dito e repito que o nosso movimento não se confunde com o Hitlerismo e o Fascismo. É muito maior, é muito mais profundo que ambos". E peremptório: "É justamente porque o nosso movimento difere do italiano e do alemão que devemos libertar-nos defini-

(9) — *Carta de Natal de 1935*, publicada in *Palavra Nova dos Tempos Novos*, in *Madrugada do Espírito*, e n'*O Integralismo Brasileiro perante a Nação*.

tivamente da adoração dos homens, que é ainda um remanescente de uma época morta. A Humanidade Nova abandonará os últimos prejuizos das idolatrias. A idolatria da Massa, na Rússia, como a idolatria do Homem, na Alemanha ou na Itália, como a idolatria do Voto, nas liberais democracias, são todos resíduos de um século morto" (10).

*
* *

Volvamos as páginas dos anais históricos, mais uma vez. Quando Pio XI lançou a encíclica **Non Abbiano Bisogno** (Junho de 1931), o Integralismo ainda não havia surgido como fôrça nacional aglutinadora das energias adormecidas da Pátria Brasileira, o que só viria a acontecer em 1932. Entretanto, a defesa do Fascismo e do Nazismo, "e de tôdas as reações da direita", era feita abertamente por todos os que se voltam contra Plínio Salgado ou contra o seu pensamento, e que deixavam de lado, ou esqueciam, o episódio terrível que se passava com o octogenário Pontífice Pio XI, e que êste mesmo já havia detalhado no documento a que tanto nos temos referido. Se fôrmos frios no nosso raciocínio, só temos uma explicação: a lição de Pio XI era desprezada por quase todos os que se proclamavam, — na época em que Plínio Salgado

(10) — *Cartas aos Camisas-Verdes*, Liv. José Olympio, 1935, págs. 9-20.

se erguia contra o paganismo messiânico que ameaçava dominar totalmente a Europa —, contra o Integralismo ou contra o seu criador.

Em 1937, entretanto, encontramos uma exceção no tocante ao fato Plínio Salgado e Integralismo, onde êstes são analisados, irretorquìvelmente, à luz dos princípios que Roma proclamava ao mundo. É na obra do então Cônego Dr. Emílio José Salim, intitulada **Ciência e Religião**, onde se acha um estudo denominado **O Integralismo perante a consciência católica**, do qual tiramos as seguintes afirmações: "O juramento integralista não é contrário à encíclica **Non Abbiano Bisogno**, porque se limita a diretrizes justas e definidas". "Sob o ponto de vista católico é preciso reconhecer que o Integralismo contribui para a **Philosophia perennis** pela sua doutrina da Quarta Humanidade e do Homem Integral, mòrmente pela afirmação vigorosa do direito que assiste ao pensador de preferir a visão integral do problema a soluções parciais embora dignas de respeito. Em comparação com o Estado Totalitário, o Estado Integral representa um progresso, porque não inclui a idéia cesareana da autoridade e exprime melhor a iniciativa das partes no todo" (11).

(11) — Emílio José Salim, *Ciência e Religião*, S. Paulo, 1937, 2.º vol., págs. 400-452. O mesmo estudo, que era da autoria do Pe. Ludovico, missionário do Sagrado Coração de Jesus, foi transcrito n'*O Integralismo Brasileiro perante a Nação*.

Era, assim, ao Integralismo, reconhecida a justeza de suas diretrizes e afirmações, assim como a consonância plena de seus princípios com o ensinamento do Santo Padre Pio XI.

E para concluirmos êste capítulo, é interessante acentuar que, em 1943, enquanto Alceu Amoroso Lima exortava as futuras gerações a interpretarem o Fascismo sem as paixões oriundas da guerra, do Exílio remetia Plínio Salgado um Manifesto onde se lia: "A Doutrina que sustentei, fundando e propagando o Movimento que denominei Integralismo, é a mesma que continúa orientando o meu espírito e cujos princípios são contrários: 1) ao materialismo, sob tôdas as suas formas; 2) ao Estado de caráter totalitário, seja nazista, seja comunista ou qualquer outro; 3) à teoria do predomínio de uma raça ou de uma nação sôbre outra" (12).

*
* *

Enquanto o Brasil não se transformar numa República Popular Sul-Americana, dirigida pelos grandes planificadores do mundo moderno que tomam as suas lições em Moscou, a Verdade, em nossas plagas, continúa à disposição dos que dela qui-

(12) — Plínio Salgado *Manifesto de 1943*, in *O Integralismo Brasileiro*, págs. 159-161.

serem fazer uso digno e honesto. Em tôrno de homens, de idéias, de história. As calúnias criam raizes, mas podem ser extirpadas. Inexoràvelmente. É o que se vem realizando no Brasil, em tôrno de Plínio Salgado, de suas idéias, de seu papel na história do Brasil e universal. E queira ou não a estirpe de Aretino, o ensinamento de Plínio Salgado é a mais perfeita estruturação que surgiu no século XX, traçando os verdadeiros rumos que as sociedades e os homens têem de seguir, se querem algum dia realizar aqui na terra um reino de Justiça e de Bondade. O Fascismo foi tragado no vórtice que sepulta para a Eternidade tôdas as verdades transitórias que se desligam do todo e pretendem aniquilá-lo. O Nazismo seguiu o mesmo caminho. E o mesmo deverá suceder com o Comunismo, apesar de tôdas as tentativas de colaboração iniciadas pelos que julgam possível a nova aliança de Deus e do Diabo.

Mas o pensador que escreveu a **Psicologia da Revolução** permanece num perene dinamismo, só encontrado onde reina soberano o Espírito. A sua concepção do mundo vê o Homem na sua totalidade, com os olhos e a alma voltados para o Absoluto, enquanto finca os pés no mundo que o Criador lhe ofertou, para vivificar com o seu trabalho e com as suas orações. Aquêle que viver o ensinamento de Plínio Salgado na construção do Estado Harmonioso, não estará edificando uma obra submetida

ao méro transitório, acidental, passageiro; estará mostrando, sim, a perenidade do ensinamento que abraçou, a magnitude da Doutrina que lhe informa os passos no seio das comunidades.

A Quarta Humanidade, poderá, assim florescer. Para a glória suprema de Deus e a felicidade dos homens de boa vontade aqui na terra.

"... há muitos anos lidamos com idéias e não recusamos nunca opor, em discussão leal, a sinceridade de nossas convicções à sinceridade de convicções diferentes"...

"Impõe ainda a mais redimentar honestidade científica que se não repisem velhas acusações sem consultar as respostas que já lhes foram dadas. O escritor probo que toma entre mãos uma questão controvertida, começa por informar-se conscienciosamente do seu estado atual. Examina as objeções antigas e as soluções novas. Se estas são decisivas, proclama fechado o debate; se não o satisfazem, impugna-lhes sinceramente o valor. Calcar, porém, e recalcar acusações já mil vêzes respondidas, não é trabalhar para a verdade, é assoldadar-se na propaganda do êrro e da mentira".

Leonel Franca, S.J., Relíquias de uma Polêmica.

"Não desfigurar o pensamento do adversário nem mesmo entre o ruído fragoroso de exclamações retóricas".

Id., O Protestantismo no Brasil.

Não é a polêmica o nosso objetivo. O que nos leva a argumentar como estamos fazendo, única e exclusivamente, é o intento de demonstrar a má fé de que se acham possuidos os que negam a pureza do pensamento de Plínio Salgado, seja êle político ou religioso, e sobretudo o objetivo dêstes em, — sabotando, deturpando, caluniando —, querer afastar Plínio Salgado da posição relevante que ocupa no seio da intelectualidade católica, dentro ou fóra do Brasil, e de onde se projeta, como um dos raros acontecimentos da nossa História, para as lutas políticas que se travam em nossa terra.

Não desejando polemizar, entretanto, queremos significar, simplesmente, que, também nós, como outros, já chegamos à conclusão de que as discussões nada resolvem. E nada constroem. Se o desejassemos, porém, mestres no assunto não nos faltariam, desde a Idade Média — onde polemizaram homens da linhagem de um Tomás de Aquino —, até os nossos tempos, em nossas plagas, onde tivemos o mestre inconfundível, Leonel Franca, o grande Cavalheiro da Fé que, como o seu paradigma, o

Doutor Angélico, nunca se recusou a descer ao campo de luta, na sua humildade e simplicidade de Santo e Sábio, atalaia incansável que não titubeava em tomar a lança e o escudo para enfrentar os solapadores dos Princípios Eternos.

Tivessemos pela frente o Jesuita, o combate se processaria. A êle enfrentariamos de peito aberto, com maior denodo certamente, porque teriamos, desde a véspera do combate, certeza da honestidade intelectual com que revesteria a sua dialética, da serenidade científica a que estaria submetida tôda uma argumentação sem sofismas, da austeridade e imparcialidade de seus julgamentos. Tudo isto nos permitiria lutar desesperadamente — mesmo sabendo que a vitória não nos sorriria —, sem precisarmos nos acastelar contra os balázios da calúnia, da difamação, das afirmações gratuitas.

Outros há, entretanto, que não descem ao meio da arena, por temperamento peculiar, covardia ou orgulho. Conservam-se sempre bem protegidos, lançando de sua seteira os dardos envenenados, numa saraivada ininterrupta, tentando — com tática bastante diferente da utilizada por Tomás de Aquino ou Leonel Franca — atingir um ponto vulnerável do adversário, no peito ou nas costas.

Êstes, que se nivelam na estirpe de Aretino, não podem fazer parte da geração do Aquinense.

Leonel Franca foi discípulo de Santo Tomás, o que demonstrou pela obra imortal que produziu, e pela sua vida, que jamais entrou em conflito com a sua afirmação intelectual. Foi o exemplo do polemista que esgrimiu visando abrir clareiras onde a Verdade reinasse, independente de todo e qualquer preconceito apaixonado. Nunca se recusou ao combate, pois acreditava que, ao penetrarem na liça adversários dispostos a usar de armas recomendadas pela probidade, e pela boa fé, outro duelo mais belo e dignificante não existia que uma polêmica intelectual.

Nenhum mais digno, portanto, de ser imitado, caso pretendessemos polemizar com alguém, sobretudo quando vemos lições opostas nos serem proporcinadas por outros, que permitem sejam envolvidos seus atos intelectuais por uma paixão terrível, que a tudo aniquila.

Leonel Franca era a integridade moral, intelectual, religiosa, num só corpo, num só pensamento, num só ideal. Um Carlos de Laet revestido com o manto de Loyola. Nas suas formidáveis e imperecíveis lutas, em prol da Verdade, com os olhos sempre voltados para os Grandes Séculos, via como duelava o discípulo de Alberto Magno: com simplicidade, com humildade, com caridade, com desemor, com ousadia, e com intrepidez. Caminhou

com êle o mesmo caminho. E nos proporcionou, ao Brasil e a nós, mais particularmente — todos os que com Plínio Salgado querem um Brasil diferente —, o perfeito exemplo de consciência intelectual, de honestidade sem mácula, de serenidade científica, incapaz de se deixar dominar pela modorra do método fácil da deturpação ou pelo brilho dúbio do achincalhe de momento. Lutando, o soldado da Companhia de Jesus, jamais tisnou o esplendor de sua espada, aviltando-a com o uso corruptor da calúnia, da insinuação torpe ou da mentira ultrajante.

*
* *

Qual era, então, a doutrina de Santo Tomás de Aquino, ao enfrentar adversários da altura de um Guilherme de St. Amour, de um Sigério de Brabante, ou de um Estevão Tempier, Roberto Kilwardby, ou, ainda, de um Rogério Bacon?

A sua maneira de trabalhar, diz-nos Manser, e o seu sistema, são os mais **impessoais** de todo o século XIII, e o seu único caráter pessoal era o de evitar tudo o que fôsse individual e pròpriamente pessoal, tudo sacrificando ao conhecimento da Verdade. Nisto é Tomás "o tipo do investigador científico" (1). E foi assim que lhe foi possível assimi-

(1) — Dr. P. G. M. Manser, *La essencia del Tomismo*, Madrid, 1947, págs. 45-46.

lar tôda a cultura de seu tempo, desde "o racionalismo harmônico dos gregos", a "ponderação jurídica dos romanos", até a "profunda especulação dos árabes", a tudo harmonizando na síntese suprema de sua obra imortal.

Santo Tomás enfrentava, esclarecia e orientava, porque nêle só havia um objetivo, a posse final da Verdade: "conhecê-la, compreendê-la, amá-la, render-lhe homenagem sacificando-se por ela, é, para êle, a melhor maneira de honrar a Deus, porque a Verdade é, em si, o bem supremo, porque é o fim último do homem, do universo, porque é Deus mesmo e o sol que nêle resplandece eternamente. Para ela voltava-se inteiramente e lhe dedicava a mais profunda veneração, o seu inteiro e mais profundo amor, entregando-se-lhe profundamente" (2).

Desta entrega total, resultava a notável **seriedade científica** de sua persuassão, conclui Manser.

Não era, porém, o mestre da Idade Média, desconhecedor dos perigos encontrados no decorrer dos estudos científicos, tais como a **soberba, o esquecimento de Deus, a destruição da Piedade**; considerava a tudo isto, entretanto, **per accidens**, pois quando, ao serviço da Verdade, tôdas as barreiras que se lhe pudessem antepor, êle as desconhecia.

Assim estribado, Santo Tomás defrontava os seus oponentes, manifestando nêstes recontros um

(2) — Id., ib., pág. 50.

caráter nobre e cavalheiresco: "TOMÁS NÃO ERA CALUNIADOR NEM PERSEGUIDOR!" (3).

Para as quatro virtudes éticas, chamadas cardiais, dava Santo Tomás as seguintes aplicações na ordem do pensamento: a) a **prudência**, que lhe permitia o exame do pró e do contra nos estudos das doutrinas; b) a **fortaleza**, que o libertava do ceticismo a que se encontra exposto o pesquizador crítico; c) a **temperança**, que o abrigava das reflexões apaixonadas, contra ou a favor das doutrinas que estivesse examinando; d) a **justiça**, que o forçava a trazer para si tôdas as afirmações que tivessem o cunho da Verdade, de qualquer época ou lugar que fôsse.

O Anjo das Escolas, entretanto, não é só homem e sábio, mas também cristão e santo. Não se deve extranhar, por conseguinte, — acrescenta Zaraguetta —, que, além dessas virtudes morais, "na sua própria sabedoria transpareça também a chama da **caridade**, como virtude já teologal que o anima interiormente", e que se traduz, "em seu **mínimo grau**, no respeito e na consideração com que Santo Tomás trata todos os seus adversários, quer do seu tempo, quer anteriores, seja qual fôr, além

(3) — Id., ib., pág. 55. Juan Zaraguetta também afirma: "Não há em tôda a sua obra uma palavra desagradável para ninguém, e uma só vez se permite classificar de "estúpida" a posição intelectual de um David de Dinant, quando êste identifica Deus com a matéria prima" (*Santo Tomás de Aquino*, Casa do Castelo Editôra, Coimbra, 1945, pág. 75).

disso, a raça, a nacionalidade, ou a ideologia filosófica ou religiosa a que pertençam" (4).

*
* *

Delineados os princípios que não faltam em tôda a obra do Aquinense, nos permitimos indagar: estão os pensadores — católicos principalmente —, que vituperam contra Plínio Salgado, entre os que seguem, ou perfilhem, ou vivem os ensinamentos apologéticos que nos vêm do autor do **De Veritate?** Não.

Genealògicamente, estão êles ligados a outros pensadores, que taxam os seus adversários de "fanáticos", ou que afirmam ter encontrado, na obra dos que refutam os seus deslises doutrinários, "imputações mentirosas", ou "fermentos nazistas", nela vendo apenas "exercícios fraudulentos de deformação sistemática", "confusões caluniosas", "pura e simplesmente mentiras", "procedimento de distorção", "formulação viciosa", "delírio ou intento deliberado de falsificação", etc..., tudo porque se lhes negam — a êsses pensadores — fundamento tomista na obra política que difundem pelo

(4) — Juan Zaraguetta, *Santo Tomás de Aquino*, Casa do Castelo Editôra, Coimbra, 1945, págs. 35-36.

mundo e que afirmam fazê-lo "sob o signo de Santo Tomás de Aquino" (5).

A exegese, para Leonel Franca, era "uma ciência positiva e delicada, não é parte de fantasia apaixonada" (6). E caracterizava a sua maneira de proceder: "A nossa exegese não é tortura de textos, improvisada para legitimar uma revolta de paixões mal dominadas. É o caudal sereno e tranquilo da verdade que avança no correr dos séculos, avolumando continuamente pela contribuição dos maiores gênios e dos maiores santos de que se ufana a história do cristianismo" (7). Era o legítimo discípulo do Doutor Angélico, que não blasonava "ter servido fielmente a Santo Tomás há mais de trinta anos", e ter contribuido "para propagar a sua doutrina pelo mundo mais que todos os lobos que ululam em português ou castelhano", mas que vivia realmente o que ensinava, porque, como Tomás,

(5) — Tôdas estas diatribes são da autoria de Jacques Maritain, lançadas contra Júlio Meinvielle, autor de duas obras fundamentais na análise a que o mundo intelectual católico vem submetendo o pensamento do filósofo de Meudon, e que são encontradas em duas cartas por êste dirigidas ao R.P. Garrigou-Lagrange, O.P., e publicadas, na íntegra, na *Respuesta* do filósofo argentino, ediciones Nuestro Tiempo, Buenos Aires, 1948.

"Qu'on n'invoque pas Saint Thomas", é a conclusão de Luc J. Lefevre sôbre as teorias filosóficas e políticas de Jacques Maritain. Vide *Pensée Catholique*, 1949, n.º 12, pág. 96.

(6) — P. Leonel Franca, S.J. *Relíquias de uma polêmica.*

(7) — P. Leonel Franca, S.J., *Catolicismo e Protestantismo.*

sabia colocar a Verdade "acima de todos os interêsses do tempo" (8).

A que conclusões chegou Leonel Franca, de sua experiência, curtida em choques inesquecíveis? Vejamo-las: a) "... quem não pode responder a um argumento escamoteia a dificuldade" (9); b) "Em

(8) — P. Leonel Franca, S.J. *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, AGIR, R. de J. 1948, 5.ª ed., pág. 462.

Eis algumas regras, da mais pura e católica dialética, coligidas nas obras de Leonel Franca, e que podem demonstrar, de modo absoluto, o seu respeito pelo pensamento daqueles a quem combatia, proporcionando, ao mesmo tempo, uma lição magnífica aos que terçam armas na defesa de ideais opostos, ou que discordam em pontos acidentais:

"Uma discussão séria não tem razão de ser senão como esfôrço das inteligências na pesquiza da verdade. Quem, postergando-lhe os interêsses supremos, *discute por discutir*, labirinta-se em dédalo sem saída, cansa-se inùtilmente em pista sem têrmo, combate sem esperança de vitória. Emprêsa de insensatos".

"Prescreve o mais elementar senso comum que se não adiantem proposições inevidentes sem as relativas provas".

"Ensina o mais elementar preceito de crítica que a doutrina de um homem ou de uma instituição acêrca de um determinado assunto se deve procurar onde *ex-professo* se trata dêsse assunto".

"... tôdas as vêzes que se controverte uma questão histórica, manda a razão se consultem as *fontes* com a maior isenção de ânimo para dirimí-la *cientificamente*".

Sair dêsse espírito que deve envolver tôda polêmica apaixonada, é fácil, dizia o digno Jesuita, *não é nobre*. Por isto, afirmava ainda: "Não costumo estender a afirmação além das provas". É que, já na Idade Média, exemplificava, corria pelas escolas o adágio: "tanto vale a autoridade de um homem quanto valem as suas provas", *tantum valet auctoritas quantum valent argumenta*...

(9) — *Relíquias de uma Polêmica*.

polêmica, a encenação aparatosa vem quase sempre velar dissimuladamente a mesquinhez dos argumentos" (10); "... é processo econômico de polêmica dar diploma de iletrados ou fanáticos aos adversários cujos argumentos não se podem rebater. Custa pouco e impressiona muito" (11).

E corroborava, do alto, os dizeres de **De Maistre**: "... o testemunho de um homem não é aceitável, desde que, quem o presta, por maior que seja o seu mérito, pode ser suspeitado de se achar sob a influência de uma paixão que o possa enganar" (12).

*
* *

Os que aceitam, e realizam, o pensamento de Tomás de Aquino, e que seguem as lições de Leonel Franca, não se acham fóra dos rumos traçados por Plínio Salgado, que, como êsses dois gênios do pensamento católico, nos dá o exemplo pessoal de dignidade e probidade, no trato com a inteligência alheia.

Às provas, como dizia o autor de **A Psicologia da Fé.**

Abramos os **Direitos e Deveres do Homem** (13), segunda parte, onde Plínio Salgado tece as suas

(10) — *Relíquias de uma Polêmica.*
(11) — *Relíquias de uma Polêmica.*
(12) — Apud *Relíquias.*
(13) — Plínio Salgado, *Direitos e Deveres do Homem*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1950.

considerações sôbre os pareceres de algumas das mais ilustres personalidades que responderam à consulta da ONU, no tocante aos direitos dos homens, cuja declaração seria lançada por esta assembléia internacional. O primeiro parecer estudado é o fornecido pelo "eminente filósofo Jacques Maritain". Aí tem Plínio Salgado a oportunidade de mostrar a imparcialidade de sua crítica, a sinceridade do seu pensar e a dignidade do seu julgamento, recordando-nos as palavras de Eucken, quando explanava a perícia de Santo Tomás: "Gostava de iniciar as discussões dos problemas controvertidos com uma **tranquila explicação** da tese adversária, com seus fundamentos e razões. Quando surgiam os reparos e se justificava uma volta às suas convicções próprias, isto se dava sem paixão e sem a aplicação de odiosos qualificativos" (14).

Quem conhece na íntegra o documento referido, de Maritain, verá que o resumo, quase todo nas próprias palavras do filósofo político francês, não falseia o seu significado nem diminui o valor de sua argumentação. Ali está o pensamento de Maritain, até as suas conclusões. Ao entrar no comentário do trabalho do pensador francês, Plínio Salgado, numa crítica imune de qualquer assomo apaixonado, refuta o que considera errado e prejudicial nos raciocínios de Maritain, aceitando o que nêles tem fôrça positiva e construtiva. Não es-

(14) — Apud Manser, op. cit., págs. 54-55.

tará, então, aí, o que ensina o Doutor Angélico, na sua **Metafísica**, quando reconhece ser impossível a investigação da Verdade senão como **obra coletiva**, "dada a magnitude da tarefa a realizar comparada às fôrças de um indivíduo, por genial que seja"?

"O que tiverem dito de bem, tomá-lo-emos como apoio; o que houverem dito de mal, procuraremos evitá-lo", reafirma o estruturador da Escolástica na sua **De Anima**, II., I., 2. Repudiando ou aceitando, "não se inspirará no amor ou no ódio dos que assim falaram, mas na certeza da Verdade", proclama ainda na Metaphy. XII., I., 9.

Assim procede Plínio Salgado, não só para com os seus irmãos na Fé, como para com todos os espiritualistas das mais variadas nuances, como era Ghandi, ou para com os que defendiam, perante a ONU, o totalitarismo estatal, como Arthur H. Comptton.

*
* *

Quizessemos polemizar, insistimos, não nos faltaria entusiasmo nem intenção de vencer. Utilizassem os que se consideram adversários de Plínio Salgado as armas que eram usadas na Idade Média (e que Leonel Franca provou terem atualidade nos nossos dias), e nos proporcionassem uma derrota na arena, não nos envergonhariamos, contanto que

a Verdade — comprovadamente — estivesse do lado vitorioso. Deus é fundamento de todos os princípios doutrinários que aceitamos. E a lei moral rege os nossos atos. Mais: se falhamos em algum momento, nada mais nos podem imputar além da condição de seres humanos. Como tais, pecadores. Mas não impenitentes.

Não é fácil — reconhecemos — a homens de estrutura intelectual já argamassada, que possuem auditórios e seguidores, sobrepujar uma posição que vem sendo afirmada há cêrca de vinte e mais anos, principalmente quando ela se transforma num verdadeiro drama íntimo que a tudo e a todos atinje. Sim, porque a tragédia, de todos êsses que se lançam contra Plínio Salgado, é insuperável, enquanto não revestirem êles as suas atividades intelectuais da humildade e honestidade hauridos limpamente no Cristo Crucificado.

Reconhecemos ainda ser desagradável, a quem quer que seja verificar e sentir o seu próprio fracasso, enquanto pensador político, que, — como sucede a Alceu Amoroso Lima —, não consegue criar um Movimento Novo em terras brasileiras, — como aconteceu também ao grande sociólogo germânico, Max Weber, que foi incapaz de estruturar uma Ação que traduzisse o seu imenso conhecimento doutrinário.

Alceu Amoroso Lima, realmente, não foi talhado para prosseguir a construção cujas primeiras

pedras foram lançadas pela ousadia e sinceridade de um Jackson de Figueiredo. Não possuindo as fôrças indispensáveis que se exigem dos que pretendem enfrentar a massa anônima dos campos, das grandes e das pequenas cidades, Alceu Amoroso Lima, inquieto e sequioso de demonstrar nunca estar em atrazo com tudo o que se passava e se passa na Europa, abraçou-se fortemente com as ramagens que de lá provinham, movimentos sociais que um Max Scheler considerava como reações de profundo vitalismo. E não deixou de tentar transplantá-los para as terras virgens da América...

As linhas da existência de Plínio Salgado nunca foram traçadas com o fio tenue da dubiedade quebradiça. Elas, sim, como que parecem ter sido trançadas pelas mãos firmes do autor de Aevum. Trazendo sempre em si um anseio diàriamente retemperado através de amarguras e sofrimentos vários, vem tendo como alavanca de sua obra a dor sempre renovada de quem sonha construir uma Grande Pátria. E foi assim que enfrentou as multidões inquietas e absorventes, criando o seu próprio Movimento Integralista, estruturando-o insofismável e indestrutìvelmente, superando, destarte, as etapas transitórias, unilaterais e passageiras que o Velho Continente nos remetia. O seu pensamento político se consolidou quando foi lançado o Manifesto de Outubro, que já trazia em si o cunho indelével de post-marxista, post-fascista, superando —

ao nascer —, o nazismo, que irrompia no seio da Alemanha debilitada. Era um novo capítulo da História do Brasil que se iniciava e uma ante-visão do mundo futuro.

O Catolicismo não argumenta contra a doutrinação política de Plínio Salgado. Já o julgou, inapelàvelmente, por um número apreciável de seus Bispos, que são, no dizer de Pio XII, "os principais membros da Igreja Universal, que estão como que ligados por um vínculo especialíssimo com a Cabeça Divina de todo o Corpo, pelo que, com razão, são chamados **partes principais dos membros do Senhor**" (15).

Não obstante, Alceu Amoroso Lima e os seus seguidores, repetem, contra o ensinamento de Plínio Salgado, o espíteto de "neo-fascismo"... Perguntemos, ainda com Leonel Franca, se não é moralmente reprovável aquêle que continúa a atribuir a um autor opiniões por êle publicamente repudiadas? (16).

O autor de **Mensagem às pedras do deserto** não tentou adaptar princípios extranhos ao Cristianismo. Sempre teve consciência absoluta de que, sendo eterno o Evangelho, e passageiras as éras históricas, dos Livros Sagrados podem nascer, até a consumação dos séculos, grandes e frondosos troncos onde possam os homens se abrigar. Não tentou

(15) — Encíclica *Corpo Místico de Cristo.*
(16) — Nota de Leonel Franca, in *Relíquias.*

jamais ajeitar realidades, como a fascista ou a nazista ou a comunista, ao lado das normas perenes do Cristianismo. A sua linha de conduta sempre foi uma só. Por isso, não precisa tornar o seu passado uma tábua rasa, para que nela permaneça apenas o que hoje proclama. E esta é a razão porque é deturpado, caluniado, negado — exatamente por aqueles que têm duas fisionomias, uma de ontem e outra de hoje, incapazes que são de apresentarem o mesmo rosto, a mesma linha de conduta.

Êste, no nosso entender, o drama e a dor suprema que provocam, quando não aceitos com o significado cristão, a ira, o rancor, a animosidade. É uma dor bastarda, portanto, conforme diria o nosso Machado de Assis.

Sòmente a dor heróica, que ultrapassa os limites do revestimento carnal, é característica do Espírito. Nenhuma outra tem, implícito, o dinamismo construtor, inovador, renovador. É a dor que penetra a alma de todos os que pugnam por um ideal. É a dor que traz como conseqüência última o amor. É a dor heróica, portanto, o apanágio de todos os que sonham construir, como Plínio Salgado no Brasil, uma Grande Nação Cristã.

*
* *

O Futuro pertencerá àqueles que tiverem a coragem de enfrentá-lo, "como os operários que

trabalhavam no templo de Jerusalém: com a trolha numa das mãos e a espada na outra, edificando e combatendo". Assim procederam Santo Tomás e Leonel Franca, e todos aqueles cuja linhagem nêles se enraiza.

Assim procede Plínio Salgado. Assim procedemos nós, alimentando a esperança de, algum dia, muitos e muitos outros virem a proceder como nós, porque, nesse instante, já êles terão rompido a sua ligação com a estirpe de Aretino.

Sòmente Deus e o Brasil têm a ganhar.

(in **Idade Nova**, 1946, Rio de Janeiro, posteriormente modificado, no tocante a algumas citações).

ÍNDICE

Pág.

Nota Inicial 5

Ser ou não ser Integralista
Genésio Pereira Filho 11

Como estudar Plínio Salgado
Humberto Pergher 19

Ato de Fé Integralista
Abelardo Cardoso 27

O Conceito de Cultura
José Soares Arruda 43

Teleologia Integralista
Ivan Luz 53

O Integralismo não é totalitarismo
Hélio Rocha 63

Plínio Salgado e a Estirpe de Aretino
Gumercindo Rocha Dórea 135

Obra executada nas oficinas gráficas da FOLHA CARIOCA S.A. — Rua João Cardoso, 23 — Rio de Janeiro — Brasil —